O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 28 DE MARÇO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:678

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A RAINHA NO PORTO.—AVÉ, REGINA!—PALAVRAS DA RAINHA.—COMMISSÃO DISTRICTAL.—NOTICIARIO.—SESSÕES PARLAMENTARES.—PARTE OFFICIAL.—REPOSITORIO.—FOLHETIM, CURSO DE PISCICULTURA PRATICA, *por Fernando de Vilhena.*—PAGINA LITTERARIA: VERE HIC HOMO FILIUS DEI ERAT, *por um Crente;* STABAT MATER, *por João de Lemos;* BEATI QUI LUGENT, *por Guimarães Fonseca;* PSALMO OITAVO, *por Coelho de Carvalho;* RECONHECIMENTO, *por Catulle Mendés;* FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.—TELEGRAMMAS.

AVEIRO

A RAINHA NO PORTO

Cedemos hoje este logar a um primoroso artigo do *Dia* sobre a missão de caridade exercida no Porto por S. M. a rainha. Se Aveiro, hontem no seu regresso á capital, não tivesse dado á illustre e santa princeza a mais vehemente demonstração de simpathia, saudando-a na sua passagem; se as aclamações com que foi recebida a sua presença, sempre gentilissima, no varandim da carruagem, não fossem mais o eloquente testemunho do respeito e da consideração que lhe consagra o povo d'esta boa cidade, zelosa sempre das suas regalias constitucionaes, a numerosa concorrencia de pessoas de todas as classes, sem os atavios das festas officiaes, teria revelado á senhora D. Maria Pia, que o seu nobre procedimento, acudindo de pronto aos desgraçados que agonisavam premidos pela miseria, se foi um acto espontaneo da sua alma generosa e boa, não passou desapercebido para as multidões, e que o sacrificio que fez ao deixar os confortos do lar para affrontar as intemperies da estação, teve na satisfação da propria consciencia e nos aplausos unanimes da nação, o maior galardão, a que na terra é dado aspirar.

Quando a suprema magistratura emprehende taes comettimentos, redobra o prestigio das instituições, que se robustecem com taes exemplos.

Eis o artigo do *Dia:*

«*Porto, 26.*

Correcto! Neta de Carlos Alb filha de Victor Manuel, irmã de deu,—a cidade heroica sauda-

Não prevalecem theo valecem coleras. Guard gestade!

*

Vae-nos o coraç rebro, a todos nó aborrecidos da quedas espantos ra a colera, da cimento;—e h ferno dura! M a ultima para saudados na miseraveis con los maus vivos exemplo, guard Portugal!

«E viv filha de b da mise ce-se a de qu horror grito d nuel, a a mãe terço fóra d onde seis vi

Con Deus no ra, ao le a esperava poderia entr quicimados a pontapés, na e não seria isto acer é apenas para os vivos u infamia immortal.

*

«Quatro horas e meia. V antros, e visito aquelle. Bord nheiro desenha-lhe o interio cova ás escuras. Chão de lama O pae e quatro filhitas: tudo o fornecido por caridade da sol que não quiz esperar processo naes de discussão perante as af remediaveis e urgentes. Entre as c citas, ha uma de dois annos, risonh que espera impaciente ha cinco dias vinda da *mamã*. Informam as pobres tas visinhas: todas as noites espera acordada que a mãe chegasse do tr balho, com um bolosito de cinco r —a alegria de ambos...!

No fundo da cova ha um tear uns cacos negros partidos. O pae, te celão, homem moço, physionomia energica, abatida, impossibilitado pela doença de trabalhar, embala nos braços a pequenita; e ella ri para os recem-chegados.

Saimos. Raphael Bordallo perdeu a alegria e eu... não perdi a amargura. Que abysmos! Desnorteâmo-nos n'estes estudos do horror! E' preciso vêr! E' preciso vêr como se soffre, para justificação das horas em que ficamos absortos, aterrados, vacillantes, a tremer da vida, a pedir a morte, sem saber porque!

*

«Deus guarde a vossa magestade! Ah! não são bestas féras os que ameaçam em horas de revolta, os que rangem os dentes de desesperação e deitam pelos labios espuma das suas coleras! Ali estão as ferocidades temidas a desatarem-se n'uma explosão de soluços, porque á entrada do antro assomou a compaixão do alto, e porque na pobre orphã miseravel tocou a mão bemfazeja da soberana. Não ha tigres a domar, senhora, ha simplesmente tigres a impedir. A obra acertada, sobre grande, não consiste em desviar os terrores pelo esmagamento dos perigos: consiste em tornar effectiva a impossibilidade dos protestos, das explosões, das raivas e dos perigos, pela suppressão das causas e dos pretextos.

Não se vae de vencida a fatalidade das coisas a simples esforço humano. Mas no quinhão de fel de cada desgraçado é bom tirar a parte formidavel, que lá deposite a indifferença do alto pelas amarguras dos opprimidos.

Deus guarde a vossa magestade!

S. P.

*

«Fazemos nossa a vehemente saudação d'esta carta. A rainha chega a Lisboa esta tarde; vá o povo da capital ao seu caminho agradecer-lhe as esmolas que deixou no Porto. Não foram só esmolas da bolsa, foram esmolas do coração. Dar dinheiro, não deve custar a quem é rico; mas dar a felicidade, enternecimentos á desgraça, ir o natural egoismo humano ao encontro do soffrimento para soffrer tambem, é caridade verdadeira, é caridade com sacrificio. Fazer bem é um deleite; mas arrostar uma senhora, uma senhora de mimosa sensibilidade, com os mais pungitivos espectaculos da dôr, da miseria e da morte, é trocar o deleite da beneficencia pela amargura da abnegação. Não póde ser ostentação; é por força impulso sincero d'alma generosa!

Vá o povo ao caminho da rainha, vá! Quando a realesa é a magistratura do bem e o sacerdocio da caridade, não se desdoura nenhuma altivez democratica em descobrir-se reverente na sua passagem, e beijar-lhe as mãos ungidas por lagrimas de infelizes!»

Damos em seguida a allocução que S. M. a Rainha leu perante a commissão central de soccorros para as victimas do incendio do theatro Baquet:

«Agradeço-lhes a attenção que tiveram para commigo n'esta occasião, elegendo-me presidente honoraria d'esta commissão, cargo que acceito com o maior gosto. Sinto-me feliz ao vêr como o sentimento de beneficencia é sempre espontaneo no Porto, e como em todas as classes se pratica largamente a virtude da caridade.

El-rei, não podendo, com grande magoa sua, vir n'esta occasião a esta heroica cidade, hoje enlutada por tão grande catastrophe, quiz que eu, e o infante duque do Porto, que tanto o desejava, viessemos aqui testemunhar-lhes quanto el-rei e a familia real sentimos a dôr que os opprime, e informamo-nos das desgraças que tão grande sinistro occasionou; acudindo-lhes quanto possivel.

A cidade invicta saberá mais uma vez quento el-rei, eu e toda a nossa familia a estimamos, e por isso com quanto sentimento a acompanhamos na sua dôr e no seu luto.

Juntando ao vosso o nosso pequeno donativo, el-rei e eu esperamos poder alliviar algumas mágoas dos nossos irmãos afflictos.

Do cofre dos inundados retiro reis 9:000$000 que desejo que sejam applicados a constituir o fundo necessario para dar ás familias dos que morreram ou se inutilisaram no terrivel incendio, o equivallente do que ganhavam os respectivos chefes de familia. Espero que esta commissão me coadjuvará n'este intento.

Desejava mais lembrar-lhes que havendo creanças que ficaram orphãos de paes, a estas especialmente se soccorressem, e que, se depois d'isso alguma cousa sobrasse; se fundasse um instituto para fim identico ou analogo, em memoria d'esta terrivel catastrophe e da enexgotavel caridade do povo portuguez.

Creiam que tenho gravado no coração quanto lhes devo e que lhes sou infinitamente grata. Recordando-me sempre do que esta cidade fez pelos nossos avós, D. Pedro IV e Carlos Alberto, e do que tem feito por nós, termino assegurando-lhes que estarei sempre prompta a coadjuvar quanto em mim caiba, tudo quanto seja bem d'esta heroica cidade.

Não posso deixar de, pela minha parte manifestar a minha gratidão pelas repetidas provas de interesse e affeição que esta cidade sempre me tem dado, especialmente nos ultimos tempos, por ocasião da doença de el-rei, o qual, graças a Deus se acha hoje quasi completamente restabelecido.»

COMMISSÃO DISTRICTAL

ÃO DE 23 DE MARÇO DE 1888

sidencia do ex.mo sr. Visconde mouro; vogal substituto, o sr. eira Junior; e secretario, o sr. el Pereira da Cruz.

ta a sessão pelas 10 horas da a Commissão Executiva da tomou conhecimento dos cios:

te o balanço do movi- da Junta Geral d'este te a semana finda em ndo a receita o sal- mana antecedente .819$233 reis, e 0 reis, passando ma um saldo da 3 reis, sendo reis dos por papeis de em metal, existindo 73 obrigações distri- cento do valor nominal cada uma, relativos ao trahido com a Compa- Credito Predial Portu-

responder ao officio do camara municipal d'Al- 61, de 20 do corrente, missão se não oppõe a milia Marques Ferreira, Assilhó, leve comsigo pa- do Brazil o exposto João, tanto que por termo la- retaria da camara munici- concelho se obrigue a ferido exposto, sem di- sação alguma. E outro onder-lhe, que em aquim, a que no e, se roga ao igne promover iveis a sua ar- familia que por smo exposto com- dade.

isfazendo á sollicita- unicipal de Ovar, cons- io de 16 de março do r que não usa do di- o com respeito á sua la em sessão de 8 do , relativo á construcção do na costa do Furadouro. erou, satisfazendo á sollicita- mara municipal de Ovar, em n.º 24 de 9 de março do cor- clarar que não usa do direito pensão com respeito ao seu 1.º rçamento supplementar para o corren- te anno civil de 1888, approvado pela mesma camara em sua sessão de 20 de fevereiro ultimo; lembrando á mesma camara que antes de effectuar qualquer obra deva cumprir o disposto no artigo 390 do Cod. Adm.

Deliberou enviar ao Agente do Ministerio Publico, junto do Tribunal Administrativo o orçamento ordinario da camara municipal do concelho da Feira para o corrente anno civil, a fim de que se digne dizer o que se lhe offerecer ácerca do mesmo orçamento.

Deliberou remetter ao administrador do concelho de Sever do Vouga o processo de investigação contra o professor de instrucção primaria da freguezia de Silva Escura do mesmo concelho, José Joaquim Rodrigues, a fim de ser enviada á Junta Escolar d'aquella circumscripção, ácerca da accusação feita ao mesmo professor, em harmonia com o artigo 40 da lei de 2 de maio de 1878, processo que foi remettido a esta Commissão por officio do ex.mo governador civil d'este districto n.º 335 Regulamento de 16 do corrente.

Foram presentes os resumos das deliberações das seguintes camaras municipaes:

Aveiro, de 10 do corrente mez de março.

Arouca, de 7, 12, 19, 26 de janeiro e 3, 8 e 16 de fevereiro ultimos.

Mealhada, de 9 e 16 de fevereiro ultimo.

Agueda, de 22 d'este mez.

Albergaria, de 28 d'este mez.

Anadia, de 25 do dito mez.

Feira, de 3 do corrente mez.

NOTICIARIO

Pássagem da Rainha—Em direcção a Lisboa e de volta da sua piedosa romagem ao Porto, passou hontem na estação d'esta cidade pelas 11 horas e meia da manhã, Sua Magestade a Rainha acompanhada de S. A. o sr. infante D. Affonso.

Só na vespera á noite se recebeu noticia da hora da passagem de S. M. e A.; por isso não havendo tempo para se fazerem as respectivas communicações officiaes, o sr. governador civil fez distribuir profusamente na cidade o seguinte:

CONVITE

Sua Magestade a Rainha e Sua Alteza Real o sr. Infante D. Affonso, passam hoje, ás 11 horas da manhã, na estação do caminho de ferro d'esta cidade, de regresso da sua piedosa peregrinação á cidade do Porto, onde foram estender o manto sublime de misericordia sobre as victimas desvalidas da horrivel catastrophe do theatro Baquet.

Convido todos os habitantes da cidade de Aveiro a irem prestar aos augustos viajantes as homenagens devidas aos nobilissimos sentimentos que ditaram esta viagem de caridade.

«Aveiro, 27 de março de 1888.

O Governador Civil,

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA.

A gare da estação encheu-se completamente, pois concorreu alli o que a cidade tem de mais distincto, vendo-se á frente do grandissimo numero de cidadãos de todas as classes, que alli concorreram a prestar as suas homenagens a S. M. e A., muitas senhoras da nossa primeira sociedade.

A' chegada do comboyo real foram levantados enthusiasticos vivas a Sua Magestade, que appareceu logo no varandim da carruagem acompanhada de seu augusto filho. Sua Magestade vestia de luto pesado, não trazendo uma só joia, a não ser o seu eterno sorriso de bondade infinda.

Todas as senhoras presentes e bem assim muitos cavalheiros foram apresentar os seus respeitos a Sua Magestade.

A' partida do comboyo foram levantados novos vivas, e todos se descobriram reverentes perante a imagem da caridade.

Notas de carteira.—Partiu hontem para o Porto, onde vai passar com sua familia as festas da semana santa, o distincto engenheiro chefe d'esta secção de obras hydraulicas, o sr. José Maria de Mello Mattos.

— Chega ámanhã á sua casa da Oliveirinha o benemerito deputado por Coimbra, e nosso respeitavel amigo, o sr. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Côrte Real. Sua ex.ma esposa, e seus illustres filhos já ali se acham desde domingo.

— Esteve hontem n'esta cidade o digno par do reino sr. visconde d'Almeidinha, que hontem mesmo regressou á sua casa da Beira.

— Estão em Aveiro o distincto engenheiro da camara municipal do Porto, o sr. João Carlos d'Almeida Machado, e sua ex.ma esposa.

— Veio passar as ferias a esta cidade o integerrimo e illustrado delegado do procurador regio na comarca de Anadia, o sr. dr. Ruy Couceiro da Costa, com sua ex.ma esposa.

— E' hoje esperado aqui o illustre deputado por Anadia, e secretario do ex.mo presidente do conselho de ministros, o sr. Francisco d'Almeida e Brito.

— Esteve em Aveiro no principio d'esta semana o digno escrivão de fazenda do bairro oriental do Porto, o sr. Jayme de Moraes Sarmento.

—Parte brevemente para Lisboa, onde vai exercer uma importante commissão de serviço publico, o sr. major Galhardo, que aqui tem exercido com muita distincção e dignidade o commando d'este districto de reserva.

—Foi a Oliveira do Hospital visitar sua respeitavel mãe, que está gravemente doente, o digno juiz do tribunal administrrctivo d'este districto, o sr. dr. Francisco Augusto Lobo Castello Branco.

Junta Geral.—Deve reunir no domingo, n'uma das sallas do governo civil a Junta Geral d'este districto, em sessão ordinaria.

Luto.—Está de luto a familia Mello, a cujos serviços á liberdade ainda no nosso ultimo numero alludimos aqui. Por noticia recebida hontem consta haver fallecido no Rio de Janeiro, e no dia 2 do corrente mez, o nosso illustrado patricio o sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães, irmão do sr. visconde da Silva Mello.

Trabalhador incançavel como todos os seus irmãos, o finado era um espirito culto e um indefesso protector das letras, como o provam os importantissimos serviços por elle prestados a Innocencio Francisco da Silva e ao seu illustre continuador e nosso presado collega o sr. Brito Aranha, na confecção do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, esse verdadeiro monumento da litteratura portugueza,

Havendo nascido em Aveiro a 26 de maio de 1831, partiu para o Rio de Janeiro em 1845, d'onde nunca mais veio a Portugal e onde exerceu sempre a profissão commercial. «Como seu irmão, Manuel da Silva Mello Guimarães, (hoje infelizmente fallecido), de quem se tratará adeante, escreve o sr. Brito Aranha, no tomo XII d'aquella obra: deu-se tambem ao cultivo das boas letras, aproveitando em investigações e estudos uteis as poucas horas que lhe sobravam das lides habituaes e impreteriveis; e d'essa aplicação existem não só testemunhas particulares, por exemplo, a dedicação de espontaneamente auxiliar, os difficeis trabalhos do *Diccionario bibliographico*, com importantes informações, como o illustre e benemerito Innocencio confessou repetidas vezes, e eu posso affirmal-o com o mais profundo agradecimento; mas documentos publicos em obras de muito merito, digo-o com franqueza e sinceridade, em que pese á modestia d'este esclarecido e erudito compatricio, que no imperio do Brazil tem sabido honrar o nome portuguez e a classe commercial, grangeando por igual, como seu finado irmão, a estima de portuguezes e brazileiros. Por serviços extraordinarios e valiosissimos, prestados ao gabinete portuguez do Rio de Janeiro, recebeu elle, por votação unanime, o titulo de *Socio benemerito*. E' tambem membro do conselho fiscal da sociedade Providencia, e do conselho director da sociedade de propagadora das bellas artes do Rio de Janeiro.»

São muitos e importantes os escriptos publicados pelo nosso illustrado patricio, mas sem duvida o mais valioso é o que tem por titulo *Instituições de previdencia fundadas no Rio de Janeiro. Apontamentos e dados estatisticos.* Rio de Janeiro, typ. Nacional, 1884 4.º de XXII, 224 pag.

Esta obra, escripta para o congresso scientifico internacional das instituições de previdencia, reunido em Pariz em julho de 1878, foi depois louvada pelo governo imperial, que a julgou tão importante e conscienciosa nos seus promenores, e tão digna e elevada na sua critica, que terminou a impressão por conta do estado, facto que até então se não tinha dado com escriptores estrangeiros.

Toda a imprensa brazileira teceu os mais elevados e merecidos elogios á obra do nosso illustrado conterraneo.

Sobre este triste acontecimento escreve o seguinte o jornal do Rio, o *Paiz:*

Succumbiu hontem pela madrugada a uma lesão cardiaca, em Todos os Santos, o Sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães.

O fallecido era socio da firma commercial Cunha Sá & C., desta côrte, e irmão do tambem morto Manuel de Mello.

Homem intelligente e estudioso, escreveu para a imprensa e commercio, deixando, entre outros trabalhos, um livro intitulado *Apontamentos historicos e dados estatisticos* sobre as instituições de previdencia no Rio de Janeiro, tendo sido tambem por algum tempo gerente do *Cruzeiro*.

Por accasião da publicação do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio da Silva, Mello Guimarães empregou nesta côrte os seus melhores esforços e prestigio para vulgarisar essa boa obra.

Pelos bons serviços que prestou, o fallecido fazia parte do conselho da Associação Previdencia e do da Sociedade Propagadora das Bellas Artes do Rio de Janeiro; era membro da sociedade das Instituições de Previdencia de França e redactor da *Revista da Exposição Portugueza*, nesta côrte.

Seu enterro effectua-se hoje, ás 10 horas, no cemiterio da Ordem do Carmo.

A *Gazeta de Noticias* commemora o facto nos seguintes termos:

«Falleceu hontem, victima de uma lesão cardiaca, o sr. Joaquim da Silva Mello Guimarães.

Aos seus amigos, que muitos eram, esta triste noticia não vai por certo surprehender, porque ha muito Joaquim de Mello trazia na physionomia e no passo arrastado os symptomas fataes da molestia que o matou.

Como seu irmão, o lembrado Manuel de Mello, viera de Aveiro, sua terra natal, para o Brazil, ainda em verdes annos afim de se dedicar á carreira commercial, conseguindo n'ella a maior estima pelo seu trato ameno, honradez e provados dotes intellectuaes.

Cedo começou a consagrar-se nas horas, que lhe deixavam livres as labutações do commercio, ao culto das lettras e quando, mais tarde, os dois irmãos emprehenderam a publicação da segunda serie de *Lysia Poetica* a parte, que coube a Joaquim Mello, não foi a menos importante, nem a menos operosa.

Na afanosa collaboração, com que os dois irmãos auxiliaram Innocencio da Silva na publicação do preconisado e utilissimo *Diccionario Bibliographico*, conseguindo assim que a parte referente ao Brazil sahisse o menos deficiente possivel, foi ainda Joaquim de Mello o que teve maior trabalho.

A feição natural do seu talento chamava-o de preferencia para os estudos uteis ou praticos, e foi por isso que quando em França se verificou um congresso ácerca das sociedades de previdencia, Joaquim de Mello escreveu uma importante monographia sobre aquelle assumpto, que, além dos louvores que mereceu lá fóra, foi aqui elogiada em aviso pelo sr. Lafayette, então ministro da fazenda. Por ultimo, quando a morte já se avisinhava d'elle, ainda publicou, em commemoração a Manzoni, e no dia 5 de maio, a collecção das traducções em portuguez da celebrada ode *Il Cinque Maggio*.

Occupava-se agora em rever as provas das ultimas folhas de um livro de philologia portugueza, que seu irmão Manuel deixára incompleto. Ignoramos, porém, se chegou a concluir esse trabalho.

Tal foi o homem, cuja perda noticiamos com verdadeiro sentimento de pezar.»

A todos os seus e especialmente a seu irmão o sr. visconde da Silva Mello, enviamos a expressão da nossa condolencia.

Illuminação a gaz.—Reuniu hoje a camara municipal d'este concelho, em sessão extraordinaria, para deliberar sobre a realisação d'um importantissimo melhoramento local—a illuminação da cidade por meio de gaz hydro-carbonico. Decidiu abrir concurso de propostas em carta fechada por espaço de 20 dias, segundo as condições constantes do respectivo annuncio, que publicamos já hoje no logar competente.

Caso grave.— Até á hora do nosso jornal entrar na machina, não foi ainda encontrado o cadaver de Manuel Galante, que no dia 21 do corrente desappareceu na travessia da Gafanha para a ilha de Monte-Farinha. Foi devido o caso a um crime? ou foi victima de accidente, ou congestão, que o mergulhou no pégo? Eis ao que não podemos ainda responder.

Parece que Manuel Galante fora visto regressar á ilha, no sitio da calesinha, entre Sama e Monte-Farinha. Diz-se que levava ainda vestido o gabão, que depois foi encontrado dentro da caçadeira abandonada. Accrescenta-se que quem déra noticia da barquinha estar junto dos botirões fora um cunhado d'elle. D'aqui por diante é tudo nebuloso. Nem uma restea de luz se fez ainda em tamanho misterio.

E' certo que Manuel Galante era um bom pratico da nossa ria. Não havia baixio ou fundão que elle não conhecesse. Nadava bem, e sabia a manobra como poucos. E apezar do escuro da noite, a caçadeira singrou sempre direita, a ponto de se notar apenas a falta de uma vara e um remo, e de se encontrar a bordo a espingarda, a borracha e o gabão.

Mas o que succedeu ao desgraçado tripulante? Se tivesse cahido á agua, o seu cadaver fluctuaria tres ou quatro dias depois da submersão. Mas não succedendo assim, o que se deve supor? Que houve mão criminosa que attentou á falsa fé contra a existencia do desgraçado, e que depois de o terem assassinado, sumiram o corpo, a fim de que a justiça não podesse proceder contra os criminosos.

Tel-o-iam enterrado em qualquer praia, cobrindo depois o cólo das marés a sepultura do desditoso? Eis o que se supõe, porque se se tivesse afogado, teria já aparecido o cadaver, e como ninguem deparasse com elle, aquella opinião parece-nos verosimil.

Consta-nos que a auctoridade administrativa recommendou com toda a urgencia que se fizessem minuciosas averiguações nos concelhos d'Aveiro, Estarreja e Ilhavo, para que, se for encontrado o corpo de Manuel Galante, se proceda á competente autopsia e se fique depois sabendo se houve ou não crime.

Sobre este acontecimento correm graves boatos, que nos abstemos de reproduzir, e entretanto recommendamos á auctoridade que seja energica, e que proceda como as circumstancias exigem.

Interrapção. — A continuação das chuvas veio interromper de novo os trabalhos agricolas, que, porque as aguas teem sido em grande quantidade, demorará as lavouras por muito tempo. Não ha porém, no facto, damno grande para a agricultura, pois que, segundo o velho annexim: mais criam dias que semanas.

Cheia.—Vão de novo a transbordar os rios que desaguam na grande bacia. O Certema, o Agueda, o Vouga e o Autuã vão por sobre todas as margens, e o proprio caes da cidade vae cheio até se sobrepôr a todas as languetas. E' um mar d'agua por toda a parte, e o tempo está promettendo ainda mais, com grande transtorno para os feirantes, alguns dos quaes teem já soffrido prejuizos com a entrada das chuvas nas barracas.

Estragos na ria. — O temporal tem feito grandes estragos na ria. Os ventos e o embate das aguas tem occasionado bastantes damnos nas védações das marinhas, o que se traduz n'um grande perjuizo para os proprietarios.

Subscripção.—A que no seu escriptorio abriu o sr. Antonio Pereira Junior, para as victimas do theatro Baquet, achava-se hontem nos seguintes termos:

Transporte.....	27$800
João da Silva Santos.....	$200
Viuva Barboza & Filhos...	2$000
Visconde da Silva Mello...	9$000
Simão Monteiro de Carvalho	1$000
Domingos João dos Reis..	2$000
Anonymo S. P.....	$500
Manuel Gonçalves Netto...	1$000
Leonardo da Silva.....	$500
Eduardo Galhardo.....	1$500
Manuel da Rocha e irmãos.	2$250
Fernando Ribeiro Nogueira	$500
Luiz da Naia e Silva.....	1$000
João Pedro de M. Barreto..	2$000
Francisco Antonio de Moura	1$000
Padre Antonio José Rodrigues Soares.....	1$500
Anonymo.....	$500
S. Lima.....	3$000
Antonio Joaquim Cardote..	$500
[illegible]	
José Maria Carvalho Branco	$700
Anonymo.....	$500
Anonymo F. F.....	$400
J. de Magalhães Lima.....	2$000
A. de Faria.....	1$000
Domingos dos S. Gamellas.	1$500
D. Anna de Jesus Braga...	1$000
José Maria Ribeiro e irmãos	3$000
Antonio Francisco Teixeira.	2$000
Joaquim Santo Thyrso....	$500
José Pereira Junior.....	2$500
Francisco Manuel Couceiro da Costa.....	2$500
Antonio Augusto de Moraes e Silva.....	$500
Anonymo.....	2$250
C. B. F.....	20$000
J. Brandão.....	1$000
João da Cunha.....	$200
Gualdino Callisto.....	1$000
D. Rosa Emilia Regalla (Collegio de Nossa Senhora da Conceição).....	$500
Innocencio Esteves.....	$500
Antonio C. Biaia.....	$500
Guilherme A. Taveira.....	13$500
Anonyma B.....	$500
Antonio Maria Marques Villar.....	1$000
José Pereira de Carvalho e Silva.....	2$000
Anonymo.....	2$000
Anonymo.....	1$000
Mattos Junior.....	$500
Carlos da Silva Mello Guimarães.....	1$000
D. Clara Rosa do Casal Moreira.....	$500
Anonyma.....	2$250
Francisco da Luz.....	$300
F. S. C.....	1$000
Anonymo A. P. S.....	$500
Anonymo.....	$500
Egberto Mesquita.....	1$000
José Maria d'Oliveira Vinagre.....	1$000
J. F. M.....	$500
Anonymo.....	$200
José Pinto da Costa Monteiro.....	$200
D. Henriqueta Santhiago..	1$000
Anonyma.....	1$000
Fernando Christo.....	$500
C. L.....	$400
Antonio da Cruz.....	1$500
Anonyma.....	2$500
José G. Gamellas.....	$500
Anonymo.....	$500
D. Maria Barbara.....	$500
Joaquim Martinho Girão..	2$250
F.....	1$500
J. G. G.....	1$000
Anonymo.....	$500
Anonymo.....	$500
José Marinho Ribeiro.....	$500
Anonymo.....	$500
D. Clara Mendes Leite e familia.....	3$500
	2$500
Gamellas & F.º.....	1$000
João Maria Regalla.....	$500
D. Anna Clementina e irmã..	1$000
	151$400

(Continúa.)

Outra.—O sr. Manuel Maria Amador, d'Alquerubim, abriu uma subscripção na sua freguezia, a favor das victimas do incendio do theatro Baquet, e já tem recebido dos srs.»

Manuel Maria Amador.....	1$000
Manuel Maria Mendes Leal...	$200
João da Silva, ferreiro.....	$100
Domingos Marques da Silva..	$050
João Casainho.....	$100
Antonio Jorge Branco.....	$050
Manuel Jorge Branco.....	$040
Victorino Pereira.....	$200
Dr. José Pereira Lemos.....	$500
Prior d'Alquerubim.....	$500
Joaquim Angelino Rodrigues.	$300
Somma.....	3$040

(Continúa.)

Mercado de sal.—Ainda é de 20$000 reis o preço do antigo barco de sal ou a medida de 15:000 litros, mas sobe necessariamente.

Naufragio.—Pelas 11 horas da manhã de segunda-feira naufragou junto do Forte, na Figueira o brigue inglez *Canadá*, procedente de Jersey, com carregamento de bacalhau consignado aos srs. Rende & C.ª O navio desfez-se completamente em menos de uma hora. Morreram sete tripulantes e o piloto Francisco Serra. Salvou-se unicamente o capitão, agarrado a um bocado de madeira.

As victimas do Baquet.—Eis a lista das pessoas que pereceram no incendio:

1—Antonio Albino da Costa Corrêa, de 50 annos, antigo alfaiate estabelecido na rua de Santo Antonio, e director da Companhia Mutuaria;

2—Sua espoza D. Jesuina Candida Correia de 49 annos;

3—Seu filho Antonio da Costa Correia.

4—Seu irmão Manuel Albino da Costa;

5—Sua irmã D. Conceição;

6—A criada Anna.

7—José Pereira dos Santos, encarregado da succursal da Companhia Mutuaria, estabelecido na travessa de Germalde.

8—D. Augusta de Vasconcellos, irmã do major de infanteria 6 sr. Antonio José Teixeira de Vasconcellos.

9—D. Lucinda Amelia Salgado, professora da escola official da freguezia de Paranhos, Era filha do fallecido redactor do *Commercio do Porto*, Eduardo Augusto Salgado, e irmã do redactor principal da *Revista Moderna*, sr. Heliodoro Salgado.

10—Zeferino José da Cruz, ourives na rua do Bomjardim,

11—Sua filha D. Rita Bibiano Gomes.

12—Seu genro Francisco Ferreira Gomes Junior, escrivão da junta de parochia da Victoria.

13—Uma filha d'este que contava tres annos de edade.

14—Maria Carolina e sua filha Elisa Carolina:

15—D. Etelvina Julia de Almeida, professora da escola Marquez de Pombal;

16—Antonio Lopes Soares, que foi empregado na recebedoria do bairro occidental, e morador na rua das Carvalheiras.

17—Francisco Ferreira Gomes, morador na Trindade.

18—Joaquina Maria, de 10 annos de edade, filha de José Maria Alves e alumna da escolla Marquez de Pombal.

19—Maria Custodia Neves, (a mulher homem) casada com Antonio Joaquim da Silva Junior.

20—Agostinho José de Abreu Guimarães, guarda da alfandega reformado;

21—D. Amelia Carlota, moradora á rua do Costa Cabral;

22—Sua filha D. Maria Teixeira;

23—Seu filho Joaquim José Teixeira;

14—Sua cunhada D. Elisa;

25—Um hospede, de nome Domingos Pinto Ribeiro;

26—Uma irmã do 1.º sota do carro n.º 3, Manuel da Silva;

27—Marianna da Silva, porteira da *retrete* dos camarotes de 3.ª ordem do theatro Baquet,

28—Adelaide, corista do theatro Baquet, mordora na rua do Gonçalo Ghristovão.

29—Guilherme Louzada Marcenal, natural do brazil, 24 annos de edade do 2.º anno de philosophia da Academia polytechnica. Em tempo esteve na belgica estudando, e contava brevemente seguir para o imperio do Brazil. Foi reconhecido nas ruinas por um sobrinho de nome Laureano, estudante tambem.

30—Antonio Pereira Peixoto, soldado da guarda municipal.

31—Sua mulher Maria Augusta Gonçalves.

32—Theodolinda de Jesus.

33—Seu filho José da Rocha.

34—Sua nora Angelica Carvalho.

35—Alfredo Teixeira, que acompanhava os dois primeiros.

36—Antonio Rodrigues de Castro Almeida. Em tempo fôra caixeiro no estabelecimen.o de ourivesariam Innocencio, á rua de Cedofeita. Affirmam algumas pessoas, que se salvaram, terem-no visto saltal de um camarote para a plateia, já quando as chammas invadiam toda a sala.

37—João Pinto Ferreira.

38—Sua esposa.

39—Uma irmã.

40—Um cunhado.

41—Outro cunhado,

42—Luiz Affonso Teixeira, de 40 anno, natural de Alfarella de Jalles (Villa Pouca de Aguiar) empregado do do sr Victorino de Almeida; com chapellaria na rua de Santo Antonio;

43—Um filho, Henrique Affonso Teixeira Pinto, de 19 annos de edade;

44—Outro filho, Alberto Affonso Teixeira Pinto, de 13 annos.

45—Sobrinha D. Maria da Conceição Affonso Teixeira Lima, de 19 annos;

46—Sua sobrinha D. Engracia da Conceição Affonso Teixeira Lima, de 15 annos;

47—Seu cunhado João Pinto Ferreira, de 38 annos, ourives morador no Bomfim;

48—A esposa d'este D. Margarida Pinto Ferreira;

49—Sua filha Ernestina Affonso Ferreira;

50—Severo de Carvalho, cunhado de Luiz, Affonso Teixeira, de 28 annos, ourives, natural de Eixo;

51—A esposa d'este, D. Cacilda Affonso de Carvalho, de 30 annos, natural de Villa Real.

52—José d'Almeida Costa, ourives;

53—Sua esposa D. Ludovina Maria de Lima Covet;

54—Sua filha Rosalina, de 5 annos de edade;

55—Outra filha de nome Maria, de 10 annos;

56—José Pereira de Mello; e

57—Manuel Barbosa da Silva, ambos officiaes de José d'Almeida e Costa.

58—D. Maria de Souza Teixeira Figueiredo, esposa do telegraphista sr. João da Purificação;

59—Sua filha Alice, de 3 annos.

60—Sua mãe D. Maria da Conceição Figueiredo;

61—Seu sogro Miguel Augusto Teixeira. (Esta familia estava no camarote n.º 5 da 3.ª ordem. O sr. João da Purificação salvou-se; estava na platéa).

62—A mãe;

63—Uma irmã;

64—Outra irmã; e

65—Um irmão do sr. Herminio Paulino Cardoso, chefe da estação telephonica, e morador na rua do Mousinho da Silveira.

66—D. Maria Augusta Brilhante de Moura, esposa do telegraphista sr. Eduardo de Moura;

67—Sua filha Monica, de 4 annos de edade. (Estavam no camarote n.º 5 de 3.ª ordem).

68—José da Silva Fontella, ourives, morador á rua do Bomjardim;

69—Sua mulher Thereza d'Almeida.

70—Uma filha do actor Firmino de nome Cecilia, de 9 annos de edade;

71—Manuel Garrido Monteiro, de 18 annos, estudante da Academia Polytechnica, filho do proprietario do hotel Lisbonense;

72—Sua tia D. Dolores Garrido Vaqueiro;

73—Outra sua tia D. Carmen Amoedo;

74—Emilia Garrido Monteiro; filha da primeira;

75—Francisco José Soares, de 84 annos, hospede do hotel Lisbonense. (Esta familia estava em dois camarotes de 2.ª ordem; salvaram-se o dono do hotel tres filhos e uma menina);

76—Cinco pessoas da familia do sr. João Eduardo Alves, proprietario da typographia Elzeveriana;

81—Estevão Baptista, typographo de 20 annos;

82—Um cunhado do sr. Antonio Maria Pinto, 2.º official da camara municipal d'esta cidade;

83—Uma filha do primeiro;

84—Outro cunhado do mesmo senhor;

85—Uma filha. (D'esta familia salvaram-se duas pessoas);

86—André Inglezias, antigo cocheiro da Trindade;

87—Seu filho Thiago;

88—Sua sobrinha Philomena.

Além das pessoas cujos nomes figuram n'esta lista ha com certeza muitas mais que pereceram no incendio.

Consta que de Villa Nova, Foz e Povoa de Varzim, faltam individuos.

Exposição industrial.—A commissão executiva que promove a installação d'uma secção agricola e pecuaria junto á exposição industrial de Lisboa, acaba de enviar duas importantes circulares, uma aos agricultores, sollicitando a cooperação de todos os lavradores para aquelle certamen; e outra aos presidentes das camaras municipaes, afim de nos seus concelhos organisarem commissões que consigam pelos seus esforços tornar numerosa e bem succedida a affluencia á exposição dos productos agricolas.

Quanto aos agricultores que desejarem expôr productos na secção agricola, deverão endereçal-os á commissão executiva da mesma secção, (rua Ivens, 19, Lisboa) em fardos ou caixas, e bem acondicionados, convindo que no exterior dos volumes se inscrevam as iniciaes *E. I. P.*, por uma fórma bem legivel.

As remassas devem ser acompanhadas de uma guia, de modelo uniforme, guias que para esse fim serão largamente distribuidas em todas as regiões agronomicas.

Os transportes de todos os productos destinados á exposição são gratuitos pelos caminhos de ferro do estado.

Os productos agricolas poderão ser enviados directamente pelos expositores á secção agricola, ou entregues ás juntas promotoras de melhoramentos agricolas, ou ainda aos agronomos regionaes.

Garante-se-lhes transporte gratuito pelas linhas das companhias particulares, quando assim o sollicitem ás referidas juntas ou aos agronomos, que deverão prestar todos os esclarecimentos de que os agricultores necessitarem.

Os monarchas da Europa.—Com o fallecimento do imperador Guilherme desappareceu o mais velho de todos os monarchas da Europa. Os principes de mais edade da Allemanha, pela ordem de antiguidade, são agora: o principe Adolpho de Schaunburg-Lippe, 70 annos; o duque Ernesto de Saxonia Coburgo Gotho, 69 annos; o gran-duque Alexandre de Saxonia Waimar, 69 annos; o gran-duque Frederico Guilherme de Meklemburgo-Strelitz, 68 annos; e o principe regente Luitpold, da Baviera.

Dos demais soberanos da Europa seguem na idade o finado rei da Prussia: O Papa Leão XIII, 78 annos; o rei Guilherme III, dos Paizes Baixos, 71 annos; o rei Christiano IX, da Dinamarca, 69 annos; a rainha Victoria, de Inglaterra, 69 annos; o rei Oscar II, da Suecia e Noruega, 59 annos; e o imperador Franciscos José I, d'Austria, 57 annos.

O imperador da Allemanha.—Refere um periodico que o novo imperador da Allemanha, Frederico III, é maçon desde a idade de 22 annos. Entrou na ordem em 1853, e foi seu proprio pae, então principe real da Prussia, quem pronunciou o discurso do estylo, dando-lhe a conhecer os deveres do maçon.

Em 24 de abril de 1860 foi o principe Frederico nomeado veneravel da Grande Loja da Prussia, e a 15 de janeiro de 1861 conferiu-lhe seu pae, que tres dias antes tinha sido feito rei, as funcções de protector dos maçons, que elle devia herdar quando herdasse a corôa.

E' de suppôr que o fallecido imperador continuasse filiado na ordem até á sua morte, por isso que o gran-mestre da maçonaria italiana determinou que todas as lojas do reino fizessem as baterias de luto em honra do irmão Guilherme, e as salvas de regosijo pela exaltação ao throno do irmão Frederico. N'outros paizes, comprehendendo Portugal, tambem a maçonaria prestou homenagem á memoria do finado.

A baroneza Schleinitz.—De Vienna annunciam o fallecimento da baroneza Schleinitz, contando 86 annos de idade.

Quando em março de 1848, os berlinezes sublevados ameaçavam a vida do principe Guilherme (o imperador que ultimamente morreu), foi a baroneza de Schleinitz que o salvou, escondendo-o em sua casa, e emprestando-lhe os fatos de seu marido para fugir da Prussia.

O finado imperador, e seu filho, o monarcha actual, sempre mostraram pela baroneza a maior dedicação e todas as attenções.

Discurso do principe de Bismarck.—Damos em seguida o discurso de Bismarck no *reichstag* agradecendo as manifestações por occasião da morte do imperador:

Meus senhores:—Dar-me-ha grande satisfação poder-me considerar encarregado por vós de transmittir os agradecimentos da dieta do Imperio aos governos estrangeiros cujas representações nacionaes manifestaram a sua sympathia, condolencia e participação na desgraça que nos feriu. *(Bravo).*

Não sei se vos deverei tomar o tempo expondo-vos circumstanciadamente quanto foi geral essa condolencia.

Não fallo só dos nossos compatriotas, dos allemães estabelecidos até nas mais pequenas e remotas partes da terra firme e das ilhas do globo, que, sem excepções, creio eu, telegrapharam os seus pesames com uma promptidão que seria impossivel n'outras epocas;—a ultima mensagem recebida é dos allemães da Corêa.—De todas as cinco partes do mundo, das mais pequenas ilhas, de logares que tive de procurar no mappa, embora me julgue tão instruido em geographia quanto o meu cargo exige, teem chegado commoventes demonstrações de sympathia; parte em palavras, parte tambem com o pedido vindo do outro hemispherio, dos antipodas, para aqui se dar expressão aos seus sentimentos depondo no feretro palmas e corôas!

Difficilmente se encontrará na historia um exemplo de semelhante universalidade no sentimento pela morte d'um soberano! Grandes homens teem já morrido e quando Napoleão I, quando Pedro o grande, quando Luiz XIV passaram d'esta vida, foi vasta a impressão que produziram taes mortes, mas que dos antipodas como dos povos visinhos viessem depositar palmas e corôas sobre a sepultura do monarcha, é um facto sem precedentes na historia; nenhum principe se elevou ainda tanto que todos os povos da terra, sem exceptuar um só, dessem todos largas junto ao seu tumulo á dôr, á sympathia, ao luto pelo seu fallecimento. *(Bravo).*

Pelo que respeita ao encargo especial que de vós recebo, não se póde dirigir a todos os povos da terra; mas sobresahiram muito especialmente as demonstrações dos paizes mais proximos e amigos, como na Austria-Hungria—não preciso repetir-vos o que todos tendes visto nos jornaes—na Italia, e em Portugal, na primeira camara dos Paizes-Baixos, na Suecia, na Belgica, na Dinamarca. As relações com a Allemanha deixaram necessariamente na Dinamarca dolorosas recordações, mas o alto personagem que desappareceu d'entre nós exerceu por tal modo e tão geralmente uma influencia conciliadora e reparadora que tambem de lá, de ambas as camaras do parlamento dinamarquez, foram tributadas ao povo allemão manifestações dignas e sympathicas.

Dou-vos graças portanto senhores por me haverdes dado poder pelas vossas demonstrações e pela declaração solemne do vosso presidente, para transmittir ás nações amigas, cuja sympathia é mais seguro penhor de paz que os tratados de alliança, o vosso agradecimento e do governo imperial. *(Vivos applausos).*

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 23 de março

Presidencia do sr. Barros e Sá; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde.

Presentes 31 dignos pares.

Acta approvada.

O sr. Silva Amado lamentou a catastrophe occorrida no Porto e propoz um voto de sentimento sendo remettida a acta d'esta sessão á camara do Porto.

O sr. Antonio de Serpa proferiu sentidas palavras lamentando a catastrophe que enlutou o Porto, e propoz o encerramento da sessão.

O sr. dr. Antonio Maria de Senna propoz que o governo fosse auctorisado a colligir a relação das familias das victimas, para depois a camara resolver sobre os soccorros que se lhes devam dar.

Os srs. Vaz Preto, Fernando Palha e Barjona de Freitas, alludiram tambem ao fatal acontecimento, em sentidas frases.

O sr. Hintze Ribeiro pediu ao governo que soccorresse desde já ás familias das victimas, que premiasse os serviços heroicos praticados durante o incendio, que liquidasse as responsabilidades do sinistro, e que tomasse medidas preventivas a respeito de todos os theatros do paiz.

O sr. ministro da fazenda disse que o governo ordenára já ao sr. governador civil do Porto que prestasse os necessarios soccorros. Por si só ou com a collaboração dos corpos legislativos trataria de providenciar no caso presente e tentaria evitar a repetição de taes desastres.

Os srs. Pinheiro Borges e Candido Moraes, depois de terem lastimado a catastrophe, referiram-se á segurança dos theatros.

Foram approvadas as propostas dos srs. Silva Amado e Antonio de Serpa.

A proposta do sr. Senna ficou para segunda leitura.

A sessão foi encerrada ás 3 horas e meia da tarde.

—

Sessão de 24 de março

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde.

Presentes 29 dignos pares.

O sr. marquez de Vallada annunciou uma interpellação sobre o incendio do Baquet.

O sr. Hintze Ribeiro chamou a attenção do governo para a circular do governo francez sobre os alcools.

Tomou assento na camara o sr. Navarro de Paiva.

O sr. ministro da fazenda disse que o governo já tinha reclamado junto do governo francez.

O sr. Barões Margiochi mandou para a meza uma representação da Sociedade Protectora dos Animaes contra as touradas.

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão do projecto modificando a lei das licenças

Depois de fallarem os srs. Serpa Pimentel, Barjona, Vasconcellos Gusmão, Telles de Vasconcellos, Francisco d'Albuquerque e ministro da fazenda foi approvado o projecto.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 22 de março

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás duas horas da tarde.

Acta approvada.

O sr. Augusto Fuschini lamentou a hortivel catastrophe do theatro Baquet. Disse que em Portugal as providencias sobre questões de segurança publica não eram muitas. Declarou sobre que o ministerio ia reunir-se para tratar de melhorar as condições dos theatros do paiz; fez votos porque o governo tome medidas proveitosas, embora energicas; disse que não propunha votos de sentimento para não se antecipar aos deputados pelo Porto e que tendo a camara levantado a sessão por occasião da morte do imperador Guilherme não póde proceder d'outro modo perante uma catastrofe nacional.

O sr. ministro das obras publicas associou-se, em nome do governo a todas as manifestações de sentimento, deixando comtudo a iniciativa aos deputados pelo Porto.

Disse reconhecer as más condições dos theatros, achando unicos toleraveis, em Lisboa, o de S. Carlos e D. Maria, estando porém longe de serem excellentes.

Referiu-se largamente ás condições de segurança do theatro de S. Carlos, onde a introducção da luz electrica é seguramente um consideravel melhoramento.

Disse que a reforma dos theatros exige, por um lado grande despeza, e por outro a suppressão dos espectaculos para se fazerem as necessarias obras, o que privaria de recursos as emprezas e os artistas dramaticos.

O sr. João Arroio principiou por agradecer aos srs. Augusto Fuschini e ministro das obras publicas o deixarem á iniciativa dos deputados pelo Porto as medidas a tomar para soccorrer as victimas do indendio.

Disse que não fazia considerações sobre as medidas futuras que convem tomar e que ia tratar apenas da grande desgraça occorrida no theatro Baquet.

Por ultimo apresentou as s[illegible] propostas, que disse não teren[illegible] litico:

Propoz que se lançasse [illegible] voto de profundissima dôr [illegible] vel catastrofe occorrida no [illegible] se enviasse cópia da acta d'a[illegible] são á camara municipal [illegible]

Tambem apreser[illegible] moção.

«A camara convi[illegible] soccorrer por todos [illegible] alcance as familias [illegible] cendio do theat[illegible] os individuos [illegible] quencia do mes[illegible]

Propoz, fina[illegible] das as suas prope[illegible] tasse immediatam[illegible]

O sr. ministro [illegible] que o governo se asse[illegible] tas do sr. Arroio, ape[illegible] mado providencias.

Disse que, como [illegible] Porto, se associava á [illegible] aquella cidade.

O sr. Consiglieri Pe[illegible] não falava como represe[illegible] parcialidade politica, porque isso seria uma profanação: associa-se simplesmente, como unico representante de Lisboa que se encontrava presente, áquellas propostas.

Em seguida as propostas do sr. Arroio foram approvadas por acclamação.

A sessão acabou ás tres horas e meia da tarde.

—

Sessão de 23 de março

Presidencia do sr. Coelho de Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde.

Presentes 74 srs. deputados.

Acta approvada.

O sr. Dantas Baracho perguntou se a commissão de guerra tinha já dado o parecer sobre dois projectos de lei apresentados por elle.

O sr. Francisco José Machado enviou para a meza quatro requerimentos para o ministro fundamentar o projecto que tenciona apresentar, relativo á collegiada de Guimarães.

O sr. José de Azevedo Castello Branco referiu-se ás negociações diplomaticas.

O sr. ministro dos estrangeiros defendeu o seu procedimento.

O sr. Arroio censurou o mesmo ministro, e propoz que os deputados fossem convidados a dar um dia do seu subsidio a favor das victimas do theatro Baquet.

O sr. Marçal Pacheco disse que fossem tambem convidados os deputados que não recebem subsidio a fazerem a mesma doação.

Ambas as propostas foram approvadas por acclamação.

O sr. Antonio Candido declarou que o sr. Oliveira Martins estava doente e que o encarregára de manifestar na camara o seu profundo sentimento que elle orador tambem perfilhava como filho do districto do Porto.

ORDEM DO DIA

Continuação da discussão na especialidade do projecto de lei sobre as Penitenciarias

O sr. Vicente Monteiro requereu que a materia do artigo 2.º fosse julgada discutida.

O sr. Coelho, relator, apresentou uma substituição ao mesmo artigo.

O sr. Frederico Arouca pediu que essa substituição fosse impressa, para a camara a poder apreciar.

Foi rejeitado este requerimento.

Em seguida foram approvados o artigo e a substituição.

O sr. Arouca combateu o artigo 3.º

A requerimento do sr. Pedro Monteiro foi prorogada a sessão até ser votado o projecto.

O sr. ministro da fazenda declarou que viria na segunda-feira á camara responder sobre o fornecimento de pannos para os fardamentos da guarda fiscal.

O sr. relator, em resposta ao snr. Arouca, defendeu o artigo e o projecto.

O sr. José Castello Branco combateu-os.

Foi julgada a materia discutida, e approvado o arti[illegible] projecto sobre incompatibilidades politicas.

O sr. ministro da fazenda propoz um voto de profundo sentimento pela morte do sr. Francisco Chamiço.

Os srs. Consiglieri Pedroso e Augusto Fuschini apresentaram uma nota de interpellação sobre a segurança dos theatros.

Entrou em discussão o projecto relativo ao pagamento em prestações das contribuições no Funchal.

O sr. João Arroio propoz o adiamento da discussão visto não estar presente o sr. ministro da fazenda, sendo approvado depois de curta discussão.

ORDEM DO DIA

Discussão do projecto de lei concedendo uma pensão á condessa do Lavradio

Depois de algumas considerações feita pelos srs. Ferreira d'Almeida, João Arroio, Avellar Machado e ministro da marinha, que pediram para que fosse concedida uma pensão á irmã do finado estadista Fontes Pereira de Mello, foi approvado o projecto.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 21

Portaria declarando que subsiste em pleno vigor a applicação de legados pios, não cumpridos, como se nenhuma alteração houvesse na antiga circumscripção diocesana.

Diario de 22

Conta geral do thesouro, referida ao segundo semestre de 1887.

Diario de 23

Varios despachos administrativos.

Annuncio de que deverão ter logar no dia 3 do proximo mez de abril os exercicios escriptos do concurso de habilitação para os logares de delegado do procurador da corôa e fazenda nas comarcas do Ultramar.

Diario de 24

Concessão de differentes mercês honorificas. Portaria ordenando aos governadores civis diversas disposições sobre segurança contra incendios nos theatros e mais casas de espectaculos.

REPOSITORIO

O MEZ DE OUTUBRO

Este mez, assim como o de setembro, mudou muita vez de nome entre os romanos. *Domiciano* lhe quiz impôr o seu proprio nome; o Senado quiz-lhe dar o de *Faustina*, em honra da mulher de *Antonino*; e *Commodo* o de *Invencivel*, que elle tinha dado a si mesmo. Tudo foi inutil; ficou-lhe o nome numerico de outubro, que *Romulo* lhe tinha dado. Este mez estava sob a protecção do deus Marte, a quem no dia 15 se sacrificava um cavallo, chamado *October*. Se Venus é o emblema da fecundidade, Marte é o da destruição, e com effeito é neste mez que, segundo a expressão de *Saint-Lambert*, a Natureza marcha a passos de gigante para a sua decadencia.

Os gregos e os romanos celebravam no mez de *outubro* uma festa em acção de graças pela primeira apparição do trigo. O corpo dos magistrados assistia á funcção. O calendario Roma- [illegible] faz menção d'ella no dia 4 de *outubro* com esta inscripção: As bellezas [illegible] res se descobrem. Por este ca- [illegible] elo dos gregos e dos egy- [illegible] que a antiguidade assi- [illegible] ado do *Genio do Mal* qua- [illegible] epoca em que se acha o [illegible] *tubro*.

—

[illegible] MPIADAS

[illegible] vam o tempo por [illegible] a das quaes com- [illegible] e quatro annos [illegible] s tal nome dos [illegible] celebravam no [illegible] as margens do [illegible] cidade de Pisa, [illegible] *ympia*.—A pri- [illegible] nde *Corebo* foi o [illegible] o, começa, se- [illegible] o do anno da [illegible] Jesus Chris- [illegible] dião, que a [illegible] *iadas* co- [illegible] uos de- [illegible] modo [illegible] cabado [illegible] rque de [illegible] mais

6 **Fernando de Vilhena**

CURSO DE PISCICULTURA PRATICA

PRIMEIRA PARTE

OS PEIXES

CAPITULO IV

Classificação Moreau

ORDEM

Chorignathi

SUB-ORDEM

Acantopterigii

TRIBU

Acantopterigii ingulares

1. *familia*—Trachinidae.
   - 1.º *genero*—Uranoscopus.
   - 2.º » —Trachinus.
2.ª *familia*—Blenniidae.
   - 1.º *genero*—Blennius.
   - 2.º » —Clinus.
   - 3.º » —Tripterygion.
   - 4.º » —Gunnellus.
   - 5.º » —Zoarces.
   - 6.º » —Anarrhichas.
3.ª *familia*—Callionymidae.
   - 1.º *genero*—Callionymus.
4.ª *familia*—Lophiidae.
   - 1.º *genero*—Lophius.

TRIBU

Acantopterigii thoracici

1.ª *familia*—Gobiidae.
   - 1.º *genero*—Gobius.
   - 2.º » Aphya.
2.ª *familia*—Mullidae.
   - 1.º *genero*—Mullus.
3.ª *familia*—Triglidae.

Sub-familia A—Triglini.
   - 1,º *genero*—Dactylopterus
   - 2.º » —Peristedion.
   - 3.º » —Trigla.

Sub-familia B=Cottini.
   - 1.º *genero*=Cottus.
   - 2.º » —Aspidophorus.

Sub-famipia C=Scorpaenini.
   - 1.º *genero*—Scorpaena.
   - 2.º » —Sebastes.
4.ª *familia*=Berycidae.
   - 1.º *genero*=Hoplostethus.
5.ª *familia*=Percidae.

Sub-familia A=Percini.
   - 1.º *genero*—Perca.
   - 2.º » —Labrav
   - 3.º » —Aspro.
   - 4.º » —Acerina.

Sub-familia B=Serranini.
   - 1.º *genero*—Polyprion.
   - 2.º » —Serranus.
   - 3.º » —Epinephelus.
   - 4.º » —Anthias.
   - 5.º » —Callanthias.

Sub-familia C=Apogonini.
   - 1.º *genero*—Apogon.
   - 2.º » —Pomatomus.
6.ª *familia*=Sciaenidae.
   - 1.º *genero*=Umbrina.
   - 2.º » —Sciaena.
   - 3.º » —Corvina.
7.ª *familia*—Scombridae.

Sub-familia A—Scombrini.
   - 1.º *genero*—Scomber.
   - 2.º » —Auxis.
   - 3.º » —Thynnus.
   - 4.º » —Pelamys.

Sub-familia B=Carangini.
   - 1.º *genero*—Trachuras.
   - 2.º » —Caranx,

Sub-familia C—Centronotini.
   - 1.º *genero*—Naucratos.
   - 2.º » —Lichia.
   - 3.º » —Seriola.

Sub-familia D—Zeini.
   - 1.º *genero*—Zeus.

Sub-familia E—Caprini.
   - 1.º *genero*—Capros.

Sub-familia F—Cubicepini.
   - 1.º *genero*—Cubiceps.

Sub-familia G—Lamprini.
   - 1.º *genero*—Lampris.

Sub-familia H—Bramini.
   - 1.º *genero*—Brama.

Sub-familia I—Centrolophini.
   - 1.º *genero*—Centrolophus.
   - 2.º » —Schedophilus.
   - 3.º » —Stromateus.
   - 4.º » —Luvarus.

Sub-familia J—Coryphaenini.
   - 1.º *genero*—Astrodermus.
   - 2. » —Coryphaena.

Sub-familia K—Xipheini.
   - 1.º *genero*—Xiphias.
   - 2.º » —Tetrapturus.

Sub-familia L—Echeneini.
   - 1.º *genero*—Echeneis.
8.ª *familia*—Tricbiuridae.
   - 1.º *genero*—Lepidopus.
   - 2.º » —Trichiurus.
9.ª *familia*—Tœnioidae.

Sub-familia A—Lophotini.
   - 1.º *genero*—Lophotes.

Sub-familia B—Cepolini.
   - 1.º *genero*—Cepola.

Subfamilia C—Trachypterini.
   - 1.º *genero*—Regalecus.
   - 2.º » —Trachypterus.
10.ª *familia*—Sparidae.

Sub-familia A—Sargini.
   - 1.º *genero*—Sargus.
   - 2.º » —Charax.

Sub-familia B—Obladini.
   - 1.º *genero*—Box.
   - 2.º » —Oblada.

Sub-familia C—Sparini.
   - 1.º *genero*—Pagellus.
   - 2.º » —Pagrus.
   - 3.º » —Chrysophrys,

Sub-familia D—Cantharini.

1.

Sub-familia E—D[illegible]

1.º

11.ª *familia*—Maen[illegible]

1.º [illegible]

2.º [illegible]

12.ª *familia*—Labr[illegible]

1.º [illegible]

2.º [illegible]

3.º [illegible]

4.º [illegible]

13.ª *fa*[illegible]

[illegible] fora.

[illegible] -Merlucius.

[illegible] —Uraleptus.

[illegible] —Lota.

[illegible] Phycis.

[illegible] Motella.

1.ª *familia*—N[illegible]

1. [illegible] ini.

2.ª *familia*—G[illegible] —Raniceps.

1.º [illegible]

S[illegible] Macrourus.

S[illegible] —Malacocephalus,

2.º *ge*[illegible] ctidae.

3.ª *familia*—Aulostom[illegible] *nero*—Hippoglossus.

1.º *genero*—[illegible] » —Limanda.

4.ª *familia*—Tetragonuri[illegible] » —Platessa.

1.º *genero*—[illegible] » —Flesus.

5.ª *familia*—Mugilidae. —Solea.

1.º *genero*—[illegible] *ero A*—Solea.

6.ª *familia*—Atherinidae [illegible] *ro B*—Microchirus.

1.º *genero*—A[illegible] *ero C*—Monochirus.

7.ª *familia*—Sphyraenidae. *ro*—Pleuronectes.

1.º *genero*—Sphyraen[illegible] » —Rhombus.

» —Bothus.

[illegible] ycloptéridae.

[illegible] *A*—Cyclopeterini.

1.º *genero*—Cycloptérus.

2.º » —Liparis.

Sub-familia B—Lepadogasterini.

1.º *genero*—Lepadogaster.

2.º » —Gouania.

SUB-ORDEM

Malacopterigii

TRIBU

Malacopterigii pseudapodes

1.ª *familia*—Ammodytidae.

1.º *genero*—Ammodytes.

(Continúa.)

PAGINA LITTERARIA

VERE HIC HOMO FILIUS DEI ERAT

VERDADEIRAMENTE, ERA O FILHO DE DEUS

São quatro os evangelistas que nos referem a vida de Jesus, desde a sua triumphante entrada na cidade de Jerusalem, ou seja a historia do seu martyrio. E em todos elles não se nota contradicção quanto á essencia d'essa historia; apenas um ou outro ajunta alguns pormenores que completam a narrativa no seu conjuncto.

Para o leitor profano, o martyrio de Christo é uma das muitas injustiças que se registram na historia, uma das muitas victimas do fanatismo religioso. Se tivessemos de preferir este criterio e considerar Jesus como simples philosopho e innovador, parecer-nos-ia muito mais acceitavel dar-lhe um largo capitulo na historia da philosophia social. De Jesus, segundo um escriptor que não é suspeito (E. Renan), só póde fallar dignamente quem n'elle creia e o ame, quem o admire e o adore.

Prescindir da divindade do filho de Maria é desconhecer a sublimidade e significação da grandeza do drama do Golgotha; é negar a correlação moral que ha entre o céo e a terra,—entre o infinito e o finito.

N'estes dias memoraveis o coração do crente eleva-se a Deus, prestando culto ao sentimento religioso, purificando-o pela aspiração ao que é perfeito, separando-o da realidade que o preoccupa e da impressionabilidade que o distrae, como o sabio que, absorto nas suas meditações, se entrega aos seus pensamentos ou se encerra na sua consciencia para viver alguns momentos no mundo do idealismo.

Ahi, a imaginação actualisará o passado; movido pela verdade historica e acompanhada da fé, presenciará o martyrio do Justo.

Ha 1855 annos, o olhar absorto dos anjos e dos santos, a attenção dos céos e o pensamento de Deus, estavam fixos na terra, ponto medio do espaço perdido quasi entre milhares de mundos e de soes n'aquella colina sagrada em que expirava pendente da Cruz o Filho do Eterno, com os braços abertos como defendendo a humanidade, e a cabeça inclinada, exaltando a dor e o sacrificio.

Nunca houve espectaculo mais tremendo, nem os céos presenciaram acontecimento mais grandioso! Nunca se viu o homem mais dignificado e exaltado! A morte subindo até Deus e depois convertendo-se em vida universal!

Jesus, resuscitado em corpo e alma, está á direita de Deus Padre. O homem junto a Deus, identificado com Deus, ouvindo nossas supplicas e preces, depois de padecer por nós e como nós.

E' uma esperança nos dominios do catholicismo, para os que vão carregando a sua cruz, seguindo o sulco do grande Mestre, ou a via dolorosa,—a via dolorosa da existencia, ensopada das lagrimas de tantas victimas!

*

Sob estas impressões terminavamos a leitura do Santo Evangelo, impressões que surgiam como completamento de infinitos ensinamentos. Tres dias apenas haviam decorrido depois da entrada de Jesus em Jerusalem.

O mesmo povo que o clamou como seu rei e libertador, indo-lhe ao encontro com palmas e ramos de oliveira, clamou contra elle, insultou-o, apupou-o como impostor, quando depois de sentenciada a sua morte pelos scribas, sacerdotes e anciãos, e concertada a traição de Judas, conseguiu prendel-o nas vertentes do Olivete, proximo da aldeia de Gethsemani, onde costumava ir orar com os seus discipulos.

Dois dias antes da Paschoa, e a hora avançada da noite, como o crime que seja forja na sombra, quando os habitantes de Jeruzalem talvez sonhassem com seu libertador conhecido e com a proximidade do seu triumpho, entra a turba nas ruas da cidade, deserta e silenciosa, com achas e arechotes, vociferando e maldisendo de Jesus, a quem levam amarrado, como se fosse ladrão famoso, agarrado em campo ou surprehendendo como uma fera na toca. O povo julga-se ludibriado nas suas esperanças: vê, não o Messias, mas o impostor, e o odio de tanta gente vae recair com a força da vingança sobre o mesmo que havia sido objecto do seu amor e o ideal das suas aspirações. Esse mesmo povo convulsionado é o que o acompanha, como possuido de vertigem e sedento de sangue, no seu caminho para o supplicio, gritando sem se commover perante o seu corpo ensanguentado e nu, exposto na varanda de Pilatos:

—*Crucifige! crucifige eum!*

Conduzido Jesus á presença de Anaz, Pontifice Summo, este declina a responsabilidade da sentença e remette-o a Caiphaz, seu genro, grande sacrificador n'aquelle anno, que foi um dos que votaram a sua morte em Conselho. Em casa de Caiphaz, Pedro nega o Mestre. Caiphaz, depois de interrogar o Nazareno, e de ouvir da sua propria bocca que era o *Filho de Deus*, envia-o a Pilatos, delegado do poder Roma na Judea, a quem cumpria castigar os grandes crimes. Pilatos, depois de reconhecer a innocencia do accusado e a infamia dos seus detractores, cede á imposição do populacho, e envia-o a Herodes, tetrarcha (governador) de Galilea. Herodes, depois de presencear a mansidão de Jesus, mudou na sua presença e inacessivel á calumnia, devolve-o a Pilatos, e aqui termina esta cadeia de fraquezas, com a cobardia do abandono da victima, que é a mais repugnante das injustiças.

Tal é a historia de todas as iniquidades. Raras vezes a responsabilidade que se declina deixa de revelar o crime que se consente, mas cuja imputação se recusa. A injustiça tem muito de parecido com a traição: ás vezes deseja-se, mas depois de utilisada, longe de acceitar-se, despresa-se.

Abandonado ou entregue Jesus á furia dos seus inimigos, foi conduzido ao Calvario, onde se consumou a sua missão com o sacrificio da vida, reproducção exactissima da immolação do cordeiro com que o povo de Israel commemora a Paschoa.

E' esta, segundo o Exodo, a origem d'esta sagrada ceromonia, symbolo da paixão de Jesus, e da sua vida, toda caridade e amor.

*

Gemiam largo tempo os israelitas, sob a oppressão dos egypcios, quando movido Deus dos clamores do seu povo, mandou Moysés ao Egypto para intimar a Pharaó que lhes désse a liberdade. Moysés, acompanhado de seu irmão Aarão, apresenta-se ao rei e cumpre a ordem de Deus, mas Pharaó nega-se a obedecer. Succedem-se as pragas, e o rei egypcio presiste na sua tenacidade. Para libertar o povo d'Israel era precisa a espada do Anjo exterminador. Antes da matança dos egypcios, deviam dispôr-se os hebreus para celebrar a Paschoa. As supremas instrucções communicadas por Moysés aos seus, são estas:

«O mez em que estaes será d'ora em diante para vós o primeiro mez do anno.»

Com effeito, pelo equinocio da primavera, começou a contar-se desde então o anno santo dos israelitas; o anno civil começava sempre pelo equinocio do outono, como entre os egypcios.

«No decimo dia d'este mez, diz o Senhor, cada familia se fornecerá de um cordeiro, e se não for bastante numerosa para o consumir, junte os parentes ou visinhos em numero sufficiente para cumprir a ceremonia, não sendo nunca menos de dez pessoas as que se congreguem. O cordeiro pascal não deve ter mais de um anno, nem terá mancha ou deformidade alguma.

«Guardal-o-heis até o dia 14 d'este mez, ou seja o de Nizan (correspondente ao nosso mez de março-abril), e toda a multidão dos filhos de Israel o immolará pela tarde. Que todas as casas onde se comer fiquem assignaladas pelo seu sangue, nas hombreiras das portas, para que o Anjo que ha de matar os primogenitos dos egypcios não entre nas casas que tiverem esse signal. Fareis assar o cordeiro, d'elle nada comereis crú ou cosido em agua, mas sómente assado ao lume: comereis da sua cabeça até aos pés e aos intestinos; deve consumir-se todo n'essa noite e nada ficar reservado para o dia seguinte; e se alguma coisa ficar, queimareis e reduzireis a cinzas para que não se profane.

«Havsis de comer com pão sem fermento e plantas silvestres. Quando estiverdes comendo, tereis a cintura apertada, os pés calçados e bordão nas mãos, como caminhantes promptos a partir, e comereis depressa, porque é a Paschoa, isto é, o passagem do Senhor.»

Tudo é mysterioso, segundo os apostolos e os santos padres, n'esta famosa ceremonia; jamais houve figura de Jesus Christo, immaculado por nós na Cruz, mais expressa, significativa e symbolica, que esta immolação do Cordeiro pascal á saida dos israelistas do Egypto. Esta relação mysteriosa pôde notar-se em todos e em cada um dos promenores. S. Pedro aponta esta coincidencia. Jesus entra em Jerusalem e cae em mãos dos que haviam de sacrifical-o no dia 10 da Lua, isto é, no mesmo dia em que deviam, segundo a lei, prover-se de um cordeiro, os judeus. Foi immolado no dia 14, e expirou na Cruz á mesma hora em que principiava a immolução ou ceremonia. Não lhe quebraram as pernas, como aos demais reus crucificados, e isto para que, diz S. João, se cumprisse a Escriptura, que prohibia se mutilasse ou partisse algum osso ao Cordeiro da Paschoa. *Nec os illius confungents.* A mesma relação symbolica notam os Santos Padres entre o Sacramento da Eucharistia e o sacrificio da Missa, com o sacrificio da Cruz.

*

Não menos notaveis e interessantes são os vaticinios do propheta Isaias.

A prophecia primeira annuncia a chegada do salvador, rogada por tanto tempo e esperado por tantos seculos, que vem, emfim, salvar o seu povo, quebrando-lhe o largo e duro captiveiro, symbolisado em Babylonia.

«Dizei da parte do Senhor á filha de Sião, isto é dizei a Jeruzalem, ao povo eleito, que afinal se acabaram todos os seus males, pois veio o Salvador carregado do fructo dos seus trabalhos trazendo comsigo a recompensa dos seus tormentos e penas.

Quem é este que vem de Edon?—exclama o propheta. Quem é este conquistador que vem de longe, com a sua tunica retinta de sangue, que encanta e deslumbra pelo formoso e brilhante dos seus vestidos, e caminha com tanta magestade, intrepidez e fortaleza? Porque é que a sua tunica está toda roxa e porque é que os seus vestidos se parecem com os dos homens que pisam uvas no lagar? Sou eu,—responde o Salvador, sou eu que satisfiz plenamente á justiça divina com o meu sangue e empreguei todo o meu poder e recursos para salvar os homens. Com a força do meu braço omnipotente, triumphei eu só do Inferno.»

Esta prophecia lembra a dos Idumeos descendentes de Esaú, alliados de Nabuchodonosor, inimigos dos israelitas e cumplices do seu captiveiro. Era Edom, a Iduema, entre a Judea e a Arabia Petrea, e a sua capital a antiga Bosra, Canta Isaias o triumpho de Israel, e o seu canto sublime é um hymno de victoria.

No cap. 53, mais parece o historiador da Paixão de Christo que o propheta que prediz sete seculos antes o sacrificio do Golgotha. Esta famosa epistola é a apologia da humildade. Estaes enganados, diz elle aos judeus, se imaginoes o Salvador como um grande da terra, criado entre as honras do mundo, na abundancia e magnificencia; estaes enganados se o imaginaes como o alto cedro: levantar-se-ha na presença do Senhor, mas será pequeno como um arbusto e como uma raiz que irrompe da terra secca. Temol-o visto no lastimoso estado em que vós o haveis posto, e a custo acertámos em o reconhecer: tão desfigurado estava.

«Seu rosto, coberto de sangue e de suor, apresentava-o a nossos olhos como varão affeito ás dores e experimentado no infortunio. Teria sido reputado por leproso e homem ferido pela mão de Deus, e reduzido á mais profunda humilhação:»

Assim continúa o propheta resumindo os accidentes da Paixão, como poderia fazel-o um evangelista, testemunha ocular d'aquelle acontecimento memoravel. Facto historico que, considerado sob o prisma da razão incredula, parece maravilhosa coincidencia vislumbre ou antecipação do futuro, presentimento de um povo assencialmente poeta e religioso, avido de gloria e de poderio; mas que sob o prisma da fé é o cumprimento de uma promessa divina, a realisação da esperança dos patriarchas e dos prophetas, a ratificação da alliança entre a terra e o céo, ou a regeneração da linhagem humana pelo sacrificio do Deus-Homem.

*

Nós, que temos visto e tocado os fructos d'aquella admiravel doutrina; cair do pedestal os idollos; triumphar a caridade sobre a escravidão e a oppressão; nós, que temos visto a travez a historia do Christienismo formar o coração de muitas gerações, sobrevivendo ás perseguições e ás heresias, ás luctas com o imperio, ao embate dos systemas philosophicos e ao scepticismo dos seculos; unificar os povos, dar forma e inspiração á Arte, levantar soberbos monumentos e cathedraes, humanisar o direito e suavisar os costumes; que vemos ainda viva e radiante a chamma da fé exposta aos ventos da incredulidade n'uma athmosphera saturada de duvidas e descrenças,—não nos parece que seja preciso rememorar os milagres, nem as prophecias, nem os symbolos, nem as figuras, nem as antigas tradições para exclamar como o Centurião perante o cadaver de Jesus:

—*Vere hic homo filius Dei erat.*

Um Crente.

STABAT MATER

Eil-a só a Virgem languida,
Rôla viuva gemendo;
Eil-a, a mãe, nos braços tendo
O filho de infindo amor;
O filho chagado, exanime;
O filho, que é luz, que é vida,
Que lhe deixa a alma partida
Na soledade da dôr!

Eil-a junto á Cruz, patibulo
D'onde seu filho pendera;
Ai! como a triste lhe dera
Mil vidas, todas d'amor!
Mas vê já aberto o tumulo,
Lá cahe a pedra tombada...
E fica mais desgraçada
Na soledade da dôr!

Vinde, vós, que chorais lagrimas,
Vinde, ó afflictos da terra,
O' mães, cujo peito encerra
Doces mysterios d'amor;
Vós todos de dôres ásperas,
Vinde vêr se ha dôr mais funda
Que a d'esta mãe gemebunda
Na soledade da dôr!

O que tem nos braços tremulos
Era o Bem, era a Virtude,
Era o Sol ao mundo rude,
E a Vida, era o Amor,
E o mundo na cegueira impia
Deu-lhe crua morte em paga,
Por isso em pranto se alaga
Na soledade da dôr!

Quem poderá, Mãe ternissima,
Tentar sequer consolar-te,
Se debalde em toda a parte
Tu buscas o Eterno Amôr?
Quem pode esse quadro lugubre
Esconder-te?... Eis o sudario...
Geme do alto do Calvario
Na soledade da dôr?

Mas tu podes, Flôr Angelica,
Ter por fim grande conforto,
Lá sobe ao celeste porto
Triumphante o divino Amôr;
Exulta comnosco estatica,
Teu filho é Deus, e as algemas
Quebrou aos homens; não gemas
Na soledade da dôr.

A Cruz infamante, é fulgido
Sceptro agora, e throno e solio,
E do erguido Capitolio
Abre seus braços d'amor;
Bem vês os povos em canticos
Celebrar quem os remira,
E que já ninguem suspira
Na soledade da dôr.

Livres, pois, nós vimos supplices
A teus pés; cumpre o legado
Que o Filho Crucificado
Te fez ao materno amor;
Sob as azas, Pomba Candida,
Toma os filhos que ficaram,
E que comtigo choraram
Na soledade da dór!

João de Lemos.

BEATI QUI LUGENT

Bemaventurados os que choram.

Agora mais que nunca, ó divino martyr, precisamos do sudario das tuas lagrimas, para que todos os grandes infelizes vejam no teu caminho doloroso, desde o horto ao calvario, o supremo exemplo da dedicação.

Todos os dias é decepada uma vergontea da frondosa arvore da vida, arrancada um pouco antes de amadurecer aos raios do sol de estio, levada uma folha nas azas tempestuosas do vento, antes do amarellecer sombrio do outomno, antes das rajadas frias do norte, que açoita os ramos das florestas.

Santo Deus, que doença mysteriosa, que pallido espectro, que negra mortalha, que nuvem de sangue tolda o horisonte luminoso d'este seculo!

Que delirio de morte, como sombra do abysmo, preside ao festim das nossas alegrias, ao grande banquete do progresso, onde os convivas, engrinaldados de flores, bebem na taça de ouro o lethal veneno, e embebem no seio o punhal de fogo do suicidio!

Adejam sobre nós as azas negras da morte violenta; erguem-se os altares de ferro, onde se immolam as cabeças loiras, os cordeiros brancos, as pombas tristes, as rôlas viuvas e gemedoras!

As arpas da poesia ideal quebram-se contra os rochedos de granito escuro, que se destacam nas sombras carregadas das ingremes serranias do mundo.

A desesperança, a noiva da morte, sacode as lagrimas de gelo das suas orbitas profundas.

Plana sobre este seculo a mão do phantasma descarnado e macilento, que brande o facho do sepulchro.

Por toda a parte, no meio das festas industriaes, no meio de grande orchestra dos canticos da vida, elle, o Ashaverus lugubre, solta aos quatro ventos a mortalha fria do cemiterio.

E o que é o cemiterio? O que é essa vasta necropole, onde descem a todos os momentos, as pallidas hecatombes dos mortos, na inanidade mysteriosa, no silencio sombrio, na mudez dos labios fechados para sempre? Quem vae perguntar ás lapides funereas o segredo d'aquellas cinzas?

Quem vae, ás noites de luar, entre as virações melancholicas dos cypprestes, quando chovem sobre as campas os raios das estrellas, ouvir o silencio dos tumulos? Quem indaga o mysterio assombroso da eternidade?

E caminhamos assim, com a venda nos olhos desvairados, para lá, para a profundidade infinita, para o oceano pavoroso das sombras, para o abysmo tenebroso da morte!

Que delirio, que ancia, que desespero nos impelle o braço convulsivo, que rasga as arterias, traspassa o coração e trucida as entranhas!

E o sol ainda é bello, as violetas ainda perfumam os valles, as margaridas ainda matizam os prados, a harpa maviosa das aguas ainda sussurra entre a ramaria dos alamos, a dos sinceiraes verdejantes, acompanhando as modulações harmoniosas da voz solitaria, do rouxinol maguado e doce; e as ondinas dos lagos, e as nuvens do poente, e as orvalhadas auroras, ainda nos bordam em lavores celestes o grande quadro, o esplendido panorama, o vestido roçagante da natureza. Então, para que fechamos os olhos á luz, para que cerramos os ouvidos ás ineffaveis melodias, e abafamos o coração aos suavissimos amores de Deus?

Ai de nós! a chlamyde de purpura do oriente da vida, como a nuvem de fogo do céu, queima-nos, e nem todas as lagrimas bastam para apagar-lhe o incendio devastador. Queima-nos este ambiente do seculo, devora-nos esta cede de felicidade, asphixia-nos esta atmosphera do mundo, que respiramos anciosos, offegantes, entre os arrancos da alma attribulada.

Nós passamos no meio dos esplendores da civilisação moderna, como os comdemnados ás feras do circo romano, coroados de flores.

A nossa corôa rasga-nos a fronte com os espinhos do martyrio lento, pertinaz, intimo, lacerante, cruentissimo e dolorosissimo.

Não ha um braço de esposa e mãe, que nos cubra com as rosas do amor as feridas sangrentas; não ha pomba e ramo de oliveira no meio d'este diluvio de aguas revoltas e negras; não ha palavra de consolação para este horrisono ranger de dentes e estalar de ossos quebrados pela mão de ferro dos gigantes do cynismo, da gelida indifferença por todos os soffrimentos.

Resta-nos a tua palavra divina, ó Christo! Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados.

Quantas maguas desprezadas, quantos suspiros perdidos no vento do deserto, quantas almas transviadas nas escabrosas veredas da desesperança!

Fôste tu, ó symbolo eterno e sacrosanto do soffrimento do homem, que ergueste a fronte de todos os infelizes e de todos os martyres para o céu da vida infinita.

A desesperança, depois do teu martyrio sublime, já não póde ser a noiva mysteriosa da morte, que vem com o sorriso desmaiado e frio, o peito de marmore, e a mão gelada, inerte, apontar-nos o nada do tumulo.

Já não se póde invocar o genio da eternidade, o genio do infinito silencio, tendo á cabeceira do nosso leito solitario, nas longas insomnias das noites tenebrosas, o rosto severo e funebre d'esse espectro fatal, a desesperança.

Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados.

A desesperança já não pode ser a nossa confidente, o alvo dos nossos maguados anhelos. o termo da nossa peregrinação dolorosa, o nosso ultimo somno.

Nos seus labios já não podemos adormecer para sempre, nos seus braços frios já não podemos colher a flôr do beijo derradeiro.

Guia-nos tu, ó Christo, á morada eterna. Dá-nos o travesseiro de pedra á nossa cabeça cançada, e a terra fria ao fogo das nossas paixões febris.

Sê tu, ó divino martyr, o nosso doce amigo, o desvelo irmão da nossa alma, o affectuosso companheiro da nossa longa viagem.

Ensinaste-nos com as tuas lagrimas tudo o que havia além do tumulo.

Caimos, como a doirada messe, ceifada pela foice cortadora e fria.

Depois... as noites estrelladas, os murmurios dos cyprestes, as visões luminosas e brancas, as azas das virações maviosas e tristes, os raios de lua e nas cruzes de jaspe, as estatuas silenciosas e compassivas, a soledade infinita da morte.....

.....

Beati qui lugent.

Guimarães Fonseca.

PSALMO OITAVO

Deus! Senhor! a omnipotencia
Do teu nome a terra espanta;
Pois sobre os céos se alevanta
A tua magnificencia!

Já da bôca da creança
Fazes sair teu louvor;
E o braço do vingador,
Inerte, cae, sem vingança!

Verei a cada momento
Os céos, primeira obra tua,
Milhões de estrellas e a lua
Suspensas do firmamento!

Mas, é que o homem, Senhor,
Para que Deus o não esqueça?!
E o filho para que mereça
Tua visita de amor?!

Quasi a um anjo celeste
Egualas sua pessoa:
Por tua mão a corôa
De honra e gloria lhe déste.

Tuas obras lhe confias;
Sujeitas ao seu mandado
Vaccas ovelhas, o gado,
Todas as bestas bravias,

Aves que vôam nos ares,
Peixes que vogam nos mares,
Deus! Senhor! a gloria tanta
Do teu nome a terrra espanta!

Aden, 29 de janeiro de 1886.

Coelho de Carvalho.

RECONHECIMENTO

Com os cabellos soltos sobre o travesseiro de rendas, com o ar de uma morta que conserva a côr de rosa, Lise de Belvelize está deitada, com os olhos cerrados. Dorme ella na verdade, ou antes cançada dos longos beijos, com um resto de encato nos labios, preguiça com delicia na languidez do amor? Adormecida ou não, Valentim falla-lhe com uma terna vehemencia:

—Para merecer, disse elle, o teu olhar terno e os teus labios menos avaros, trouxe-te todas as joias de todos os joalheiro; e as costureiras mais afamadas receberam ordem de vir: todas as manhãs, uma após d'outra, perguntar-te se, tendo já todos os vestidos, queres ainda mil ou dois mil mais. Quando abres, deante das tuas amigas, o menos rico dos teus cofres de joias, ellas exclamam deslumbradas e com inveja: Dar-se-ha o caso de teres apanhado todas as estrellas cadentes das noites d'agosto? e com as tuas toilettes, haveria com que encher as arcas de cem princezas affilhadas de fadas. Mas não me limitei a estes presentes mediocres. Quizeste ter um amante celebre por a sua bravura! Tive vinte duellos, terriveis, ferozes, e tu fizeste uma panoplia enorme, entre os *bibelots* do teu boudoir, das espadas ensanguentadas que eu trouxe dos combates.

Tiveste o capricho, de me veres tão illustre por o talento, como já o era por a coragam! Não hesitei um só instante em ter genio, publiquei versos que certamente sobrelevam na magnificencia dos rythmos, e imprevisto das imagens, aos mais sublimes poemas que os homens admiravam antes de conhecer os meus. Já não fallarei, senão de passagem,—isso nem vale a pena—de minha mãe deixada só, lá em baixo, na velha casa da Bretanha, porque tu não consentes que eu deixe Paris; de minha mulher,—a mais honesta das creaturas existentes—abandonada depois de dois annos de casados e de meus filhos de quem não sei os nomes! Bagatellas, ninharias, sacrificios de que todos seriam capazes em troca de um beijo nos teus olhos. Uma coisa, comtudo, era mais difficil: tornar-me—assim o quizeste—o mais bello e mais elegante dos homens! Mas consegui isso ao fim de algumas semanas á força de applicar-me. Emfim, póde-se dizer, ó bem amada, que nada te foi recusado por a minha ternura; do que podia dezejar a tua phantasia, e tu és em tudo obedecida, por o mais apaixonado e engenhoso dos escravos. Mas ao menos não foi em vão que eu os fiz, esses sacrificios! Tu amas-me. O' encanto, tu adoras-me! Ainda agora tu desfallecias deliciosamente nos meus braços, debaixo dos meus labios.

O nome de Valentim é o unico que faz bater o teu querido coração fiel, e em tua generosa gratidão preferes a todos o amante bem feliz por te merecer por dedicação e dadivas, que satisfariam o orgulho da deuza mais exigente.

Valentim fallava assim na alegria louca de amar e ser amado, e Lise de Belvelize, dormitando, os olhos fechados, os cabellos de oiro esparsos, voltou-se a meio, tão linda, tão terna, tendo nos labios um sorriso de flôr a desabroxar e murmurou:

«Raul!»

Catulle Mendès.

---

6 **FOLHETIM**

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

E ambos sustentaram a sua opinião com a mesma tenacidade, como é ordinario em taes casos. Consultaram as pessoas do sequito; mas nenhuma se tinha achado assás perto para ouvir Wamb. Por fim Brian gritou, admirado de o não ter visto ha mais tempo; «Que vejo! não é um homem adormecido ou morto que está ao pé d'esta cruz! Hugo, meche um pouco n'esse cadaver com a ponta da tua lança.

Hugo tendo obedecido, levantou-se logo um homem, e gritou em bom francez; Quem quer que sejais, porque vindes perturbar os meus pensamentos?

— Nós queriamos unicamente, respondeu o prior, perguntar-vos pela estrada que conduz a Rotherwood, onde mora Cedric o saxonio.

— Eu vou para lá replicou o estrangeiro, e se tivesse um cavallo, servir-vos-hia de guia; porque o caminho faz muitas voltas, e não é mui facil de atinar com elle, ainda andando versado n'estes sitios.

— Tereis ao mesmo tempo os nossos agradectmentos e uma boa recompensa, meu amigo, disse o prior, se nos conduzirdes sãos e salvos á residencia de Cedric.» E ordenou a um dos homens do seu sequito de montar no cavallo que trazia á mão, e de dar o seu ao estrangeiro que devia servir-lhe de guia.

— Seguiu este uma estrada opposta á que Wamba lhes tinha indicado maliciosamente, para lhes fazer errar o caminho. O atalho que seguiam se entranhava cada vez mais na floresta, e era cortado por largos regatos, cuja proximidade era perigosa por causa dos pantanos que os rodeiavam. Mas o guia parecia conhecer como por instincto as passagens mais seguras e direitas; os viajantes acharam-se depressa em uma rua, maior do que nenhuma das que tinham visto até ali, e no fim da qual se elevava um vasto e irregular edificio; o estrangeiro mostrou-o ao prior, dizendo; «Eis Rotherwood; a morada de Cedric o saxonio.»

Foi uma noticia muito agradavel para Aymer, que não era ainda muito aguerrido, e que, na estrada no meio dos pantanos e barrancos, tinha experimentado tantos sustos, que ainda não tinha tido a curiosidade de fazer ao seu guia uma só pergunta. Achando-se mais desassombrado, tendo diante de si uma estrada larga e facil, tratou de saber quem era o forasteiro que em tão bôa hora lhe apparecêra: «Quem sois? lhe perguntou.—Sou um peregrino, e chego da Terra Santa.

— Fôra melhor que vos tivesseis lá deixado estar combatendo pelo livramento do Santo Sepulchro, acudiu dizendo o templario.

— E verdade, reverendo cavalleiro, respondeu o peregrino, a quem o templario não parecia ser estranho, mas se os que se obrigam por juramento a livrar a santa cidade, passeiam longe do logar onde os chama a seu dever, como podeis estranhar que um humilde aldeão como eu, amigo da paz e da tranquilidade, siga o exemplo que elles me dão.?»

— O templario irritado ia responder; mas foi interrompido pelo prior, que exprimiu novamente a sua admiração, que o seu guia, depois d'uma tão longa ausencia, conhecesse tão perfeitamente todos os rodeios da floresta.

— Nasci n'estes logares; e quando dizia estas palavras chegaram diante da caza de Cedric. Era um edificio irregular, com muitos pateos, e occupava não pequeno espaço. Porém posto que a grandeza do edificio delatasse que o dono d'elle era um homem rico, não se assemelhava em nada com os palacios flanqueados d'uma altura prodigiosa, nos quaes a nobreza normanda residia, e que eram tidos n'esse tempo em Inglaterra por obra prima em materias d'architectura.

— Rotherwood não estava com tudo inteiramente desguarnecido de fortificações; nestes tempos de motins e desordens, nenhuma caza poderia sêl-o sem correr o risco de ser sequeada e queimada dentro de vinte e quatro horas. O edificio estava rodeado d'um profundo fosso, que uma nascente visinha enchia d'agua. Uma duplice paliçada composta de estacas agudas, tiradas das matas visinhas, lhe serviam de trincheiras. Do lado do Oeste havia uma entrada e uma ponte levadiça sobre o fosso: e na parte opposta outra prolongada por angulos salientes, onde, em caso de necessidade se podiam postar os bésteiros, e defender com vantagem aquelle passo.

— Parou o templario á entrada e tocou a trombeta, porque a chuva, que ameaçava havia muito, começava então a cair com abundancia.

III

Triste soccorro! Então da arida costa
Onde o germano mar bramindo espuma,
O barbi-ruivo e d'olhos azulados
Vigoroso saxonio aqui nos veiu.

Thomson.

N'uma sala muito comprida e larga, mas baixa em proporção, tinha-se preparado, para a ceia de Cedric o saxonio, uma grande mesa obrada sem arte com algumas taboas toscas dos carvalhos da floresta. O tecto, composto de algumas vigas, barrotes e taboado, mal abrigaria os moradores contra as intemperies das estações, apesar do colmo que por cima lhe haviam deitado.

Em cada extremidade d'esta casa havia uma grande chaminé tão grosseiramente construida, que o fumo que entrava para dentro não era somenos que o que saía para fóra. O que com o andar do tempo tinha dado certa especie de verniz ao tecto da casa, inscrustando-o d'uma camada de ferrugem. Instrumentos de guerra e de caça jaziam suspensos ao longo das paredes. Portas grandes postas a cada angulo, conduziam aos demais repartimentos d'este vasto edificio.

Tudo n'esta morada annunciava a era saxonia na sua simplicidade primitiva, simplicidade de que Cedric se ufanava. O pavimento era um composto de terra e cal, bem calcado e endurecido, como o terrado actual de nossos celleiros. Na quarta parte da longura d'esta sala elevava-se o pavimento de perto de seis pollegadas, e a este espaço chamavam o docel; era elle reservado para os principaes membros da familia e para os hospedes de distincção. Para isto uma mesa ricamente com um pano escarlate estava collocada transversalmente sobre este estrado ou plata-forma; e do meio d'esta mesa partia outra mais longa, mais estreita, e menos sumptuosamente ornada, aonde se punha o comer para os inferiores e os criados da caza. A reunião d'estas duas mesas apresentava a forma d'um T e vêem-se ainda similhantes nos antigos collegios d'Oxford e de Cambridg. Cadeiras e poltronas massissas, feitas de carvalho grosseiramenta entalhado, guarneciam a mesa priviligiada, que estava coberta com um pallio, ou docel para amparar os dignatarios, que occupavam tão distincto logar dos insultos do tempo e da chuva, que atravessava algumas vezes o mal constuido telhado.

As paredes da estremidade superior da sala, em toda a distancia do docel, estavam armadas de tapetes, e no chão haviam alcatifas em que se notavam os primeiros ensaios da arte de bordar, cujo principal merito consistia na viveza das côres. O restante da sala era descoberto, as paredes nuas, o pavimento mal terrado, e os assentos consistiam em alguns bancos de carvalhos toscos e grosseiros.

No centro da meza de honra estavam collocadas duas cadeiras de braços, mais elevadas do que as outras, para o senhor e a senhora da casa, que presidiam ao banquete hospitaleiro, e que por este titulo se achavam em saxonio os *distribuidores do pão*.

A cada uma d'estas cadeiras subia-se por um escabello, artistamente esculpido e marchetado de marfim. Os outros assentos não tinham esta marca de distincção. Cedric o saxonio já occupava o seu logar usual, posto que não tivesse o gráo de *thane* ou franklin, como o chamavam os normandos. Estava tão impaciente por não ver chegar a ceia, como um alderman dos tempos antigos ou modernos.

Bastava ver a fisionomia do dono da casa para se conhecer que era d'um caracter franco, mas vivo e impetuoso. Era apenas de estatura mediana; com tudo tinha as espadoas largas, os braços longos, os membsos robustos, e tudo n'elle annunciava um homem acostumado ás fadigas da guerra, ou da caça. Tinha o rosto largo, azues e grandes os olhos, bem apostos os dentes, larga a testa e todas as suas feições e pressavam uma especie de bom humor, que acompanha muitas vezes a vivacidade e o arrebatamento. Seu olhar exprimia o orgulho e a desconfiança, como quem tinha passado a vida a defender direitos constantemente accommettidos; e como fosse de seu natural soberbo, e atrevido, estava sempre á lerta em razão das circumstancias em que se achava. Seus longos cabelos louros, partidos em duas metades, desciam-lhe d'ambos os lados sobre os hombros, e a neve da velhice apenas começava a salpicál-os d'outra côr, se bem que Cedric se accercasse dos seus sessenta annos.

Estava coberto com uma especie de tunica verde, cuja gola e mangas eram guarnecidas de *menuvair*, especie de forro d'uma qualidade inferior ao arminho, que provém, segundo dizem, de certa especie de harda. Debaixo d'esta tunica trazia uma cazaca de panno escarlate, calções do mesmo, que lhe deixavam os joelhos descobertos' sandalhas similhantes ás dos aldeões, bem que de materia mais preciosa, e apertadas adiante com colchetes d'ouro. Tinha os braços e o pescoço rodeados de pulseiras, e d'um colar do mesmo metal. Um boldrié ornado com pedras preciosas sostinha uma espada ponteaguda e de dous gumes, suspensa prependicularmente ao lado. No espaldar da sua cadeia estava um capote de panno escarlate bordado de pelles, e um gorro tambem da mesma fazena ricamente bordado, completava o vestuario do rico thane quando queira sair. A' mesma cadeira via-se encostado um dardo curto, guarnecido d'um punho d'aço polido, que lhe servia d'arma ou de bengala, segundo as occurrencias.

Muitos criados, cujo trajo variado participava da magnificencia dos do amo, e da simplicidade do do porcariço, espiavam o menor olhar do illustre saxonio, promptos a executarem as suas ordens. Dous ou tres d'entr'elles, mais elevados em dignidade que os outros, estavam por detrás de Cedric debaixo do docel; os demais occupavam a parte inferior da sala. Viam-se tambem outros commensaes d'uma especie differente: dous ou tres grandes galgos que se empregavam então para a caça dos viados e lobos, outos tantos cães perdigueiros com grossos pescoços, cabeças grandes, orelhas longas e dous cães mais pequenos, que hoje se chamam rafeiros,

(Continúa.)

CORREIO DE LISBOA

27 DE MARÇO DE 1888.

Acaba de chegar á estação do Caes dos Soldados a Santa Rainha de Portugal. Não faltou alli ninguem. O mundo official, o mundo aristocratico e monetario—e o mundo povo estava alli para reverenciar A que tem sabido elevar-se ao ponto em que se acha. A primeira Rainha da Europa, a mais distincta entre todas as que cingem corôas, de regresso da sua viagem de caridade, A Santa Senhora está entre nós. A sua recepção não podia ser mais imponente, nem mais commovente. Lagrimas de prazer e de reconhecimento banharam muitas frontes altivas.

Estão as caixas do correio a fechar. Não posso por isso ser mais detido.

Viva a RAINHA SANTA, é a voz constante de todos, é a expressão geral aqui como em toda a parte.

Agora o resto.

— A imprensa de Lisboa reuniu ante-hontem n'uma das salas da Sociedade de Geographia, a convite da redacção do *Jornal da Noute*, resolvendo nomear uma commissão com plenos poderes para angariar donativos para as victimas do incendio do Baquet. Ha ideia de estabelecer uma *kermesse* na Avenida e publicar um numero unico de um jornal intitulado *Lisboa-Porto*. Na *kermesse* cada jornal terá a sua barraca. A commissão ficou composta dos srs. Carlos Lobo de Avila, Antonio de Castilho, Alberto Pimentel, Magalhães Lima, Fernando Pedroso, Hygino de Mendonça, Assis de Carvalho, Antonio Castanheira, Baptista Borges, Urbano de Castro e Luciano Cordeiro. A' reunião que foi muito concorrida, presidiu o sr. Luciano Cordeiro, tendo por secretarios os srs. Fernando Pedroso e Magalhães Lima.

— As *Novidades* declaram que para evitar quanto possivel futuras desgraças nos theatros, o governo determinou que se procedesse urgentemente ao estudo da illuminação electrica para o theatro de D. Maria, no qual poderá estabelecer-se correntes para outras casas de espectaculo da cidade baixa, bem como ao modo como a machina do theatro de S. Carlos poderá alimentar a illuminação nos theatros Gymnasio e Trindade, cujas emprezas pagarão depois a sustentação da luz, que será obrigatoria.

— Vae tomando um certo desenvolvimento a construcção de pontes metallicas nas fabricas nacionaes. A Empresa Industrial Portugueza, proprietaria das officinas de fundição e construcção metallicas em Santo Amaro, á qual foi ha tempo adjudicado o fornecimento do taboleiro metallico de uma ponte de 250 metros sobre o Guadiana, concorreu tambem á empreitada da construcção completa de uma ponte de ferro e suas avenidas sobre o rio Arda, apresentando preços mais vantajosos do que o outro concorrente: foram elles de 70:950$000 reis para o seu projecto n.º 1 e de 72:500$000 reis, para o n.º 2; o preço proposto pelo outro concorrente foi de 72:845$234 reis. A Empreza Industrial está habilitada para concorrer com vantagem ás obras mais dificeis no genero das que construe.

— Parece que depois da Paschoa o sr. ministro da guerra passará revista ao regimento de engenheiros, que em seguida marchará para Tancos.

— Tem visitado todos os estabelecimentos militares o general inglez sr. Gorden Ough, inspector de artilheria, sendo acompanhado pelo sr. capitão Martins de Carvalho.

— Vai proceder-se a novo exame das visceras do major Picão que a justiça suppõe ter sido envenenado pelo cabelleireiro da rua do Ouro.

— Está promulgado a amnistia, que comprehende todos os delictos eleitoraes e em geral todos os crimes politicos, de que não tenha resultado homicidio ou lezão grave.

— Falleceu aqui o sr. José Acurcio Ferreira dos Santos, chefe fiscal reformado que esteve ahi alguns annos, e que por isso deve ser muito conhecido em Aveiro.

— Está doente com uma angina o sr. conselheiro Barjona de Freitas.

— Principiou hoje a vistoria aos theatros, sendo mandados alargar as coxias e os espaços entre as filas das cadeiras, no theatro do Gymnasio.

— Para a vaga do administrador da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, deixada pela morte do sr. conselheiro Francisco Chamiço, foi nomeado o sr. Frederico Biester.

— Promovem tambem subscripções a favor das victimas do theatro Baquet os emgregados da estação telegraphica de Lisboa, os distribuidores do correio, os carpinteiros do arsenal, collegio Pariziense e a commissão da freguezia de S. Nicolau.

— A assembleia geral do Banco Hypothecario approvou as conclusões do relatorio. Foi lançado na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do sr. conselheiro Chamiço, e foi reeleito o vice-governador sr. Lourenço de Carvalho e nomeados os vogaes effectivos do conselho de administração.

— Reuniu hoje o conselho superior de agricultura, sendo eleita uma commissão para dar parecer ácerca do relatorio das commissões especiaes de inquerito agricola. Por proposta do sr. Elvino de Brito, lançou-se na acta um voto de congratulação pelo restabelecimento de el-rei.

— A commissão parlamentar ácerca da questão Hersent resolveu reunir pois da Paschoa para discutir o parecer, visto terem faltado hontem os srs. Marques de Vilhena e Pedro Victor.

— O valor das propriedades de Cintra, no inventario de el-rei D. Fernando, é de 370:000$000 de réis.

— Na linha férrea de norte e léste, entre as estações dos Olivaes e Sacavem, occorreu um lamentavel desastre. Em um compartimento reservado para senhoras havia tomado logar uma familia franceza, composta de duas senhoras e duas creanças, uma de 9, outra de 6 annos. Esta ultima ia sentada junto á portinhola do lado opposto áquelle por onde haviam entrado no compartimento. Como a portinhola não estivesse bem fechada, e a creança, tendo somno, se encostasse a ella, esta cedeu e a creança cahiu á linha. Immediatamente as duas senhoras que alli seguiam, mãe e avó da pobre menina, precipitaram-se atraz d'ella e a outra creança ficou só, chorando e gritando no auge do desespero; até que, chegando o comboio á estação de Sacavem, poude contar aos empregados o que tinha succedido, indo alguns d'elles em procura das victimas. A creança estava salva por milagre, apenas com uma arranhadura no dorso da mão direita. Sua avó, madame d'Aussenac, soffreu tambem apenas algumas contusões; mas sua mãe, madame Lermande, batera com a cabeça no chão tão violentamente, que estava e está em perigo de vida. A desditosa familia, que seguia em direcção a Paris, teve de regressar para Lisboa no comboyo immediato, voltando a alojar-se no hotel Franckfort, d'onde havia partido com a intenção de não voltar tão inopinada como desgraçadamente!

— Sáe no dia 2 do proximo mez o novo jornal *A Esquerda Dynastica*, orgão do grupo do sr. conselheiro Barjona de Freitas.

Y.

TELEGRAMMAS

Madrid, 21.—Attribue-se ao dr. Mackenzie a declaração de fundadas esperanças, de que se conseguirá prolongar a vida do imperador Frederico III por alguns annos.

Insiste-se em que altos funccionarios de Berlim apresentarão as suas demissões.

Antes do encerramento do Reichstag foi approvado por unanimidade o projecto para a creação de um monumento que perpetue a memoria do imperador Guilherme.

Madrid, 22.—Affirma-se em Pariz que o conselho de generaes que vai julgar o general Boulanger se limitará a approvar a destituição que lhe foi imposta pelo ministro da guerra.

Crê-se que os partidarios do general Boulanger desistiram de apresentar a sua candidatura pelo departamento das Bocças do Rhodano.

O imperador Frederico dirigiu um affectuoso telegramma ao presidente da republica franceza sr. Carnot, de pezames pelo fallecimento de seu pae.

O *Post* publica um notavel artigo sobre as relações da Allemanha com a França. Attribue-se-lhe altas inspirações. O artigo é considerado como um programma do novo reinado, pondo a França na alternativa de optar entre uma guerra encarniçada ou uma alliança com a Allemanha.

No tribunal de appellação continúa o recurso do sr. Wilson; a sentença do tribunal de appellação será publicada na proxima segunda-feira. A accusação fiscal é summamente rigorosa contra o sr. Wilson; sustenta que elle conhecia o trafico, cobrava dinheiro em troca de condecorações e influencia, e que a sua culpabilidade está provada.

Pariz 26.— A sentença do tribunal de appellação, proferida hoje condemna as acções imputadas ao sr. Wilson e aos outros implicados no processo do trafico das condecorações, mas considerando que para esses casos não ha applicação alguma de castigos na lei existente, absolve o sr. Wilson e todos os outros accusados.

Pariz 26.—A camara dos deputados tomou em consideração por 230 votos contra 170 a proposta tendente a authorisar a Companhia do Canal do Panamá a fazer a emissão de obrigações com premios sorteados.

Pariz 26.—O conselho de inquerito, reunido esta manhã, ouviu o sr. Boulanger, não durando o interrogatorio mais de 10 minutos. Depois do general Boulanger ter retirado, o conselho emittiu o seu parecer, que será apresentado unicamente á decisão do sr. Carnot.

O sr. Boulanger, sahindo do conselho, dirigiu-se para casa do sr. Laguerre.

Pariz 26.—O rei da Suecia virá em principios de abril fazer uma viagem ao continente, indo primeiramente á Italia e dirigindo-se depois a Lisboa, a bordo de um navio sueco.

Pariz 27.—Por decreto do presidente da republica, sr. Carnot, sobre parecer unanime do conselho de inquerito, o general Boulanger foi collocado fora do quadro do serviço.

Londres 26.—Houve hontem violentas tempestades de neve em varios pontos de Inglaterra.

Madrid, 26.—Sabe-se que a chegada a Vienna do rei Carlos, da Roumania, e as conferencias que tem tido com o conde de Kalnoky continuam a preoccupar esta capital. Com quanto se pretenda affirmar que taes conferencias têem sómente por objecto combinar os preliminares de tratado de commercio entre a Austria e a Roumania, consideram-se, como antes, destinadas para combinações de outra indole, na eventualidade de um qualquer acontecimento; e funda-se esta supposição na circumstancia do presidente do ministerio servio e conde de Kalnoky ter tambem celebrado largas conferencias com outros personagens.

Madrid, 26.—O ministro da governação declarou ao senado que vão obrigar-se as emprezas dos theatros das cidades a installar a luz electrica, e os pequenos theatros de provincia a illuminação de azeite.

Madrid, 27.—Sabe-se que os emigrados republicanos hespanhoes, residentes em Pariz, estão firmando uma exposição contra o sr. Ruiz Zorrilla.

Augmentam as esperanças do imperador da Allemanha obter prompto restabelecimento. Estreitam-se cada vez mais as relações entre a Russia e a Allemanha.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

ANNUNCIO

CIRCUMSCRIPÇÃO FLORESTAL DO NORTE

FAZ-SE publico que no dia 4 d'abril de 1888, no Ministerio da Fazenda, voltam á praça, com o abatimento de duas quintas partes da avaliação primitiva, as seguintes propriedades nacionaes:

Matta de Ceiça, no concelho da Figueira da Foz.	8.869$155
Pinhal de Vil de Mattos, no concelho de Coimbra.	3.056$289
Pinhal da Carvalha, no concelho d'Estarreja...	969$516
Pinhal do Brejo, idem...	906$093

Figueira da Foz, 21 de março de 1888.

O Silvicultor Subalterno,

Francisco Loureiro.

PILULAS DE BLANCARD
DE
IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK 1853 — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo.* — PARIS 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorose** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O fodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junctio. Blancard

Pharmac^a em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EDITAL

ILLUMINAÇÃO A GAZ

A Camara Municipal do concelho de Aveiro faz publico, que, em sessão extraordinaria de 28 do corrente, deliberou abrir concurso para o fornecimento de gaz para illuminação da cidade nos seguintes termos:

1.º—O praso d'este concurso é de 20 dias, a contar do segundo annuncio publicado no *Diario do Governo*, e será tambem annunciado n'um dos jornaes de Aveiro, e n'outro dos da cidade do Porto.

2.º—A Camara garante que o numero minimo de candieiros destinados á illuminação das vias publicas será de 180, ficando salvo á Camara o direito de augmentar este numero por preço igual ao da proposta.

3.º—Nenhum concorrente será admittido ao concurso sem que previamente tenha feito na thesouraria municipal o deposito de 450$000 reis em dinheiro ou em fundos publicos.

4.º—Para garantia da execução do contracto, a Camara exige a caução de 4:500$000 reis em dinheiro ou fundos publicos.

5.º—O praso do contracto é por 40 annos.

6.º—As propostas serão apresentadas em carta fechada, dirigida ao presidente da Camara, e tendo por fóra esta simples indicação—*Proposta para a illuminação a gaz na cidade de Aveiro*, sem signal externo que revelle o preço, nem as condições, nem o signatario da proposta.

7.º—Cada proposta deve conter:

1.º a declaração expressa de que o proponente se obriga a acceitar todas as condições mencionadas no annuncio do concurso;

2.º o preço minimo que a Camara erá de satisfazer annualmente por cada candieiro de illuminação das vias publicas, e o preço minimo do fornecimento de cada metro cubico de gaz para consumo municipal e para consumo particular ou de estabelecimentos publicos, quer em illuminação permanente, quer em não permanente;

3.º Todas as mais condições, clausulas, concessões ou garantias que o proponente quizer offerecer ou acceitar, e que possam determinar razões de preferencia entre as propostas.

8.º—A Camara reserva-se o direito de não acceitar nenhuma das propostas, se lhe não convierem, e de abrir novo concurso, ou contractar particularmente este fornecimento, sem que os concorrentes tenham direito a qualquer indemnisação.

E para constar se passou o presente, para ser publicado n'um jornal da localidade, outro n'um jornal do Porto, e outro no *Diario do Governo*.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal 28 de março de 1888. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, secretario da Camara, que o subscrevi.

O vereador, servindo de presidente—*Antonio Vieira dos Santos.*

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.^es, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

COMPANHIA FABRIL „SINGER"

A PRESTAÇÕES DE **500 RÉIS SEMANAES**

GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

Garantia illimitada **por todo o tempo**

MAQUINAS PARA COSER DE LA COMPAGNIE FABRIL "SINGER" DE NEW-YORK — PARA FAMILIAS E INDUSTRIAES

A PRESTAÇÕES DE **500 RÉIS SEMANAES**

GRANDES DESCONTOS A PROMPTO PAGAMENTO

Ensino e consertos **gratis**

A NOVA MACHINA PARA COZER DE

LANÇADEIRA OSCILLANTE

E' Esta a revolução mais completa que tem havido nas machinas de costura com as quaes se faz com a maior facilidade os trabalhos mais delicados.

As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Agulha é sempre ajustavel.

Lançadeira que leva um carrinho de algodão.

Dá 2:000 pontos por minuto!!

Levessimas no trabalho e silenciosas sem egual.

Não preciza encher canella nem enfiar a lançadeira.

O pesponto é o mais bello e o mais illastico.

Todo o seu machinismo é ajustavel estando a machina sempre perfeita.

A nova machina de lançadeira oscillante é dedicada ao serviço de costureiras, alfaiates, sapateiros, chapelleiros, correeiros e para toda a classe de costura.

A nova machina de lançadeira oscillante está construida especialmente para costureiras que se dedicam á costura de punhos e collarinhos.

NOVIDADE — Bordados a alto relevo feitos com lã

PRIVILEGIO — Por vinte annos

COMPANHIA FABRIL „SINGER"

75—Rua de José Estevam—79

PEGADO Á CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRÃOS DE SAÚDE DO Dr FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos contra a Falta de appetite. Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigens, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.* Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**. — Depositos em todas as principaes Ph^as.

EDITAL

A Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do districto d'Aveiro:

FAZ saber que se acha exposto ao publico por espaço de 8 dias a contar de 31 de março corrente, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, na repartição da mesma Junta, o 1.º orçamento supplementar d'este districto para o corrente anno civil de 1888.

Todos os eleitores do districto que quizerem reclamar ácerca do mesmo orçamento, o poderão fazer conforme o § 3.º do artigo 64 do Codigo Administrativo.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor, para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade.

Aveiro 27 de março de 1888.

O vogal servindo de presidente,

Visconde de Valdemouro.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.

Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam urticação. Empregadas só ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura de Raquin* e o **sello official** (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as **gonorrheas mais intensas.** Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**

78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE** INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO **XAROPE do Dr FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo — *Exija-se o endereço ao lado*

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** *Em todas as boas Pharmacias* — *Exija-se o endereço ao lado.*

EDITAL

A Commissão Districtal Executiva da Junta Geral do districto d'Aveiro:

FAZ saber que se acham patentes ao publico por espaço de 8 dias a contar de 31 de março corrente, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, na repartição da mesma Junta, as contas da receita e despeza d'este districto, relativas ao anno civil de 1887 proximo findo.

Convida portanto todos os eleitores do districto a virem alli ver e examinar as ditas contas, e a apresentarem ácerca d'ellas, dentro do referido praso, quaesquer observações que entenderem conveniente fazer, em conformidade do artigo 83 § unico do Codigo Administrativo.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor para serem affixados nos logares do estylo e publicados em um dos jornaes d'esta cidade.

Aveiro 27 de março de 1888.

O vogal servindo de presidente,

Visconde de Valdemouro.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Manuel B. Branco	
El-rei D. Manuel.....	700
D. Albertina Paraizo	
Almanach das Senhoras portuguezas e brazileiras, para 1888.....	240
D. Guiomar Torrezão	
Almanach das Senhoras, para 1888...	240
Almanach Illustrado do Ocidente, para 1888.....	200
Almanach Burocratico e Commercial de Lisboa, para 1888.....	200
Almanach Illustrado, por F. Pastor...	200

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto.

NOVIDADE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

METHODO JOÃO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e data dos respectivos diplomas.

CARVALHO & PONS—EDITORES

Rua do Instituto Industrial, 23 a 21

LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Explendida edição portuense illustrada com 500 gravuras

Em virtude dos muitos pedidos que temos recebido para abrirmos uma nova assignatura d'este admiravel romance que comprehende 5 volumes ou 70 fasciculos em 4.º, optimo papel e impressão esmeradissima, sendo illustrado com 500 gravuras, resolvemos fazel-o nas seguintes condições:

Os srs. assignantes pódem receber um ou mais fascicnlos cada semana ao preço de 100 reis cada um, pago no acto da entrega. Tambem pódem receber aos volumes brochados, ou encadernados em magnificas capas de percalina, feitas expressamente na Allemanha, contendo lindissimos desenhos dourados.

Preço dos volumes:—1.º volume brochado, 1$500 reis; encadernado, 2$400 reis; 2.º volume brochado, 1$350 reis; encadernado, 2$200 reis; 3.º volume brochado, reis 1$250; encadernado, 2$100 reis; 4.º volume brochado, 1$650 reis; encadernado, reis 2$500; 5.º volume brochado, 1$450 reis; encadernado, 2$300 reis. A obra completa em brochura, 7$250 reis; encadernada, reis 11$500.

Para as provincias os preços são os mesmos que no Porto, franco de porte; e sendo a assignatura tomada aos fasciculos, serão estes pagos adiantados em numero de cinco. A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas a remuneração de 20 por cento, ficando os mesmos encarregados da distribuição dos fasciculos.

Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

N. B.—Os preços acima exarados são assim estabelecidos unicamente em Portugal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação, de Eduardo da Costa Santos, editor, Rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

UNIVERSO ILLUSTRADO

Semanario de Instrucção e Recreio

EDITORES, CAMPOS & C.^a, LIVREIROS

Rua Augusta, 88

LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados 5 volumes de quatrocentas dezesseis paginas cada um. Em publicação do 6.º vol.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno.....	4$200
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Geneliox successores Porto.

RAMALHO ORTIGAO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspéctos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 réis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores. Clerigos, 98—Porto.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

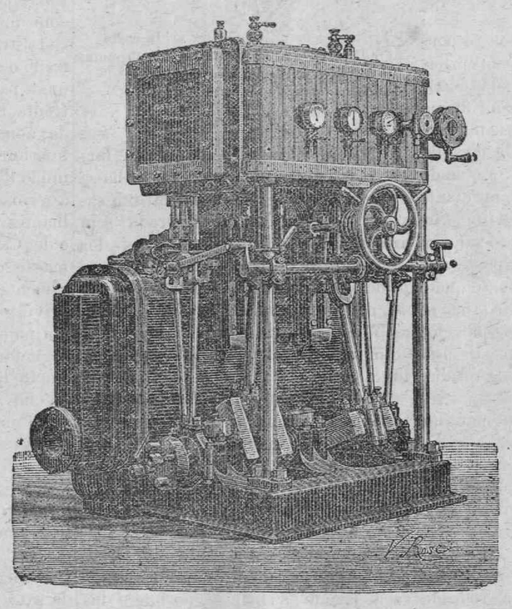
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVADEFOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o biate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.